

delas quais,

hab
habilida

xuades

funda

corporal

dades bio

soci

trabal

er dia

par

pres

co

de a

ther

da

políticas de multiplicidade em educação:
restografia de uma escola incomum

thainan piuco

feito concreto, suby
de atravessamento

...ois, l

bilida

xuades

funda

...ora

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA ARTE, LINGUAGEM E CURRÍCULO

políticas de **multi**pluridade em educação:
restografia de uma escola in**comum**

Mestrando: Thainan Piuco

Orientador: Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi

Porto Alegre, novembro de 2021

Thainan Piuco

políticas de **multi**pluridade em educação:
restografia de uma escola in**COMUM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientação: Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi

Linha de Pesquisa: Arte, Linguagem e Currículo

Porto Alegre, novembro de 2021

Banca **examinadora**

Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi – UFRGS – Orientador



Prof. Dr. Anderson Ferrari – UFJF



Prof. Dra. Daniele Noal Gai – UFRGS



Prof. Dra. Cristianne Famer Rocha – UFRGS



Porto Alegre, novembro de 2021

*ao grupo de orientação – may, fê, vic, gus, ari, ilana – por fazer ninho;
ao prof. orientador cristian, chamado quase sempre de cris, em algumas outras
de mama tchaca, por fazer povoar;
à família, ma boy, amigas,
alunes, colegas, professores/as, por todo o amor;
às escolas, universidade, e outros espaços,
por resistir e criar mundos outros;
e às outras existências das quais a vida se faz presença.*

você, **você** e você: obrigado!



isso aqui
acaso
é lugar
para jogar sombras?

leminski

RESUMO

Que políticas de multiplicidade se instauram com a restografia de uma escola incomum? Em aliança às filosofias da diferença, às existências marginais e a devires minoritários, busca-se ensaiar possíveis respostas a essa pergunta a partir da confabulação de um espaço-menor, o qual chamamos de *escola incomum*, vivido e ficcionado entre os múltiplos trânsitos da vida docente. Ao questionar procedimentos metodológicos majoritários em educação, criou-se um método cunhado de *restografia*, em que o uso de fragmentos, ou como dizemos, *restos*, compõem a pesquisa de maneira fragmentária, sem pretensões unitárias. Para tanto, o uso de escritos, imagens, poemas, cenas de escola, entre outras matérias, dá-se por composição, não por representação ou ilustração. Com o conceito de multiplicidade [DELEUZE; GUATTARI, 1992], esta dissertação propõe uma política, também pensada em termos de uma ética e uma estética, voltada à sustentação das diferenças no espaço escolar, em especial, as diferenças sexuais: uma *política de multiplicidade*. A pesquisa também traz contos a respeito de experiências dessubjetivadoras às normas de gênero e sexuais. A passagem destas forças estranhas e potentes pela escola, tomadas aqui como *multidões sexopolíticas* [PRECIADO, 2011], obriga-nos a redesenhar os traços de uma escola-maior, traçando gestos outros em sinal à multiplicidade de existências.

Palavras-chave: política de multiplicidade; restografia; escola; devir; modos de existência.

ABSTRACT

What politics of multiplicity are established with the restography of an uncommon school? In alliance with the philosophies of difference, marginal existences and becoming-minority, we seek to rehearse possible answers to this question based on the confabulation of a minor-space called *uncommon school* lived and fictionalized among multiple transits of teaching life. Questioning major methodologies in education, a method called *restography* was created, in which the use of fragments, the remains, compose the research in a fragmentary and non-unitary way. Therefore, use of writings, images, poems, school scenes, among other subjects, happens by composition not representation or illustration. With the concept of multiplicity [DELEUZE; GUATTARI, 1992], this dissertation proposes a politics, also thought of as ethic and aesthetics, aimed at sustaining differences in the school, especially sexual differences: *a politics of multiplicity*. This research also brings tales about desubjective experiences regarding gender and sexual norms. The passage of these strange and powerful forces through the school, taken here as *sex political crowds* [PRECIADO, 2011] forces us to draw the traces of a major school, tracing other gestures as a sign of multiplicity of existences.

Key-words: Politics of multiplicity; restography; school; becoming; modes of existence.

S U M Á R I O

prelúdi[c]o	11
pretensões	14
criações método [i]lógicas	30
conto [s] em nome	
I. um bicho	55
II. uma fera	66
III. um pirata	79
uma escola incomum	89
políticas de multi plidade	113
por tantos	124
companhias	128



P R E L Ú D I [C] O

Primavera de 2019. Escrevo pois é preciso florescer em meio ao que ficou recolhido do frio, e aquilo que poderá vir a desnudar-se com o calor. Tempo de floração. E para início de conversa, contação. Vou-lhes contar uma estória [ou seria uma história?]. Talvez seja um causo, como se diz em linguajar gauchesco, aqui de onde escrevo, ao sul do Brasil, em uma cidade chamada Porto Alegre. O cenário é uma escola pública de difícil acesso. Esta semana recebemos visitas por aqui. Como qualquer novidade, elas estão dando o que falar.

Desde novos, aprendemos que visitas precisam ser bem tratadas. No entanto, não é isso o que está acontecendo. Surpresa, medo e espanto: são esses os sentimentos compartilhados. Muitos já as conheciam, ou, pelo menos, diziam conhecer. Estão em dúvida! É que

elas são diferentes, apesar das muitas semelhanças. Custam a acreditar que elas não são iguais às outras e, por isso, fogem do encontro. No início, logo que elas chegaram, instalou-se um certo pavor e, em seguida, um desvio do caminho. Os alunos, e até alguns professores, passaram a desviar-se delas, criando outro trajeto para chegar até o refeitório. Mas elas também entram em sala de aula, e aí, mais espanto. Os moradores da escola desligam as luzes, se escondem embaixo das carteiras, correm, gritam. Oh deus! Vocês não vão acreditar. As pobre coitadas nem entram em muitas, às vezes é uma só. Uma só! E todo um alvoroço se cria!

Elas aparecem em horas específicas, embora estejam sempre no mesmo lugar. Aparecem que eu digo, é: aparecem para incomodar. Bom, ao menos é o que nós, ou boa parte de nós na escola, temos falado. De um incômodo. O que não podemos negar, ah mas isso não podemos negar mesmo, é a engenhosidade delas. Elas construíram um lugar só para elas, fica bem no início do corredor, logo na primeira sala, de modo que ninguém, nin-guém, consegue passar sem ter de cruzar com elas. São espertas! Alguns dizem que são vingativas. Raivosas. Do mal. Bom, isso eu não sei. O professor de ciências tem aliviado a comunidade escolar com palavras científicas de conforto. Ele tem dito que não é para se preocupar, justamente porque estas são diferentes, não irão machucar. Mas costumamos a acreditar.

Eu havia dito sobre elas serem visitas, né? Pois é. O fato é que elas parecem ter fixado morada em nossa [em nossa!] morada. Tipo uma colônia. E isso vem causando revolta. Outro dia vi que jogaram água nessas doidas. Dia outro, pegaram um pau e foram provocá-las. Eu já não sei mais se essa é uma atitude interessante. Vai saber o que de pior pode acontecer. Poxa, a escola já tem tantos problemas e agora os conflitos aumentaram desde que elas chegaram. Há os que defendem conservá-las e cuidá-las. Outros são adeptos do confronto direto, e acreditam que elas nunca deveriam ter saído de seus locais de origem [dizem que é a floresta]. Há também os indiferentes. Há os que estão mudando de opinião conforme o passar do tempo, antes queriam destruí-las, agora acham que tudo bem, sendo possível um certo convívio, e até mesmo uma mistura.

Bom, não se sabe ao certo até quando elas ficarão. Pode ser que permaneçam, pode ser que migrem para outro lugar. Vai ver isso tudo aconteceu [está acontecendo neste exato momento!] por uma lição. Não pode ser à toa isso tudo.

Primavera é tempo das flores e, também, de alta nas polinizações.

Enquanto alguns sentem o perfume das novas cores, outros sentem profunda alergia.

Parece que é tempo de expansão e contaminação, e não somente na classe dos *insecta*, mas em todo o reino *animalia*.



PRÉ - t e n s õ e s

Por conta do aparecimento repentino da *Tetragonisca angustula*, mais conhecida como abelha jataí, escrevi o conto *prelúdio*. Chamei-o de *Conto das abelhas*. Para elas, talvez tenhamos sido nós, um acontecimento repentino. Foi, de qualquer modo, um encontro. E encontros são marcados pelo desconhecido, por algo que nos passa, ainda que não entendido, ainda que desentendido.

Ir contra? Ante à? Vida que: *encontramentos*.

Ir de encontro à ou ir ao encontro de? Vida também: *Encantamentos*.

Encontros podem ser truncados, trocados, trincados.

Podem diminuir ou aumentar nossa potência.

“Tudo é apenas **encontro** no universo,
bom ou mau encontro.” [DELEUZE; PARNET; 1998, p.49]

Encontros são sempre uma relação entre diferenças. Não entre Eu-Você. Nós-Eles. Diferente-igual. Uno-Múltiplo. Luz-Sombra. Não dicotomicamente. O encontro acontece *entre e com*. Eu-você-abelhas-enxames-zunidos. Entre um diferente e outro diferente, sujeitos adjetivados? São estes, certamente, estratos, estratificações. Mas e se pensarmos, a partir de Deleuze e Parnet [1998], o encontro pela e com as multiplicidades? Quer dizer, entre elementos heterogêneos que, em simbiose, contágio, contaminação, são capazes de se transformar. Altero-me ao entrar e estar em [com] tato com outrem.

O *Conto das abelhas* foi escrito quando atuei como apoio pedagógico a crianças com deficiência na rede municipal de Porto Alegre, em um Programa de Inclusão. O percurso na assim chamada “educação especial”, que prefiro referir como educação inclusiva, aconteceu entre 2018 e 2020. Foi a partir do encontro com Carlos, um aluno autista, que emergiu o Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura [TCL]¹, um ensaio-delírio composto por cenas, imagens e poemas, material produzido inicialmente em um diário de *escrevivências* – que chamei de *caderno docente*.

A experiência em acompanhar os caminhos *autísticos* de alunos à margem da própria escola me fez naquele momento produzir alguns traços cartográficos, inspirado na pedagogia aracniana de Fernand Deligny², e na filosofia de Deleuze & Guattari [1997]. Os traçados fizeram parte de uma escritura final-oficial-conclusiva mas, sobretudo, de uma docência singular, ao modo dos encontros, tal qual a experiência desidentitária e singularizante de Carlos.

Carlos foi um personagem ficcionado, no entanto, carregado de realidade. Feito no e pelo real vivido, experienciado. Inventado pelo excesso de real, inclusive. Pois a vida pede, exige e força à invenção. Carlos foi um e foi muitos – devir-autista que me fez docente em devir. Fabulei Carlos antes do exame ter tomado a escola. Desde que fui nomeado, passei então a vê-lo [também] como uma multidão. A formação docente que havia me ocupado permanece em estado constante de acontecimento. Encontros. Outros e sempre. E, para isso, fez-se necessário dar corpo às novas afetações. Contar outros contos. Mais uma vez, fabular, junto dos espaços de atuação docente dos quais fui e estou me fazendo³.

¹ “Conversações com um caderno docente: caminhos autísticos e poética devir”, defendido em 2018, como obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais [UFRGS], sob orientação do Prof. Dr. Cristian Mossi. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/189126>

² Ver também: “O aracniano e outros textos” [2015].

³ Para além do espaço já mencionado, esta dissertação contará as atuações em uma escola de ensino médio e em um coletivo pela educação popular [2018 a 2021]. A identidade dos espaços será suprimida, favorecendo as histórias, suas personagens e a potência que delas pode se extrair.

Para contar um conto é preciso roubar um bocado e tanto. Roubar para contar outros versos, disponibilizar outras versões, uma maneira possível de trazer diversões [alegria], tri-versões, proliferações. O roubo como encontro, como captura, dupla-ruptura “contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como” [DELEUZE; PARNET, 1998, p. 6]. Contrabandear; diferir do grupo, ir em direção diferente ao do bando. Fazer com, ao invés de fazer como. Trabalho coletivo mais do que identificação individual.

Não precisou Deleuze [1992-1999] de Bergson, de sua fabulação bergsoniana, para fabular *deleuzeanamente*? Ora, Paul Preciado [2011] roubou do Império e da Multidão de Antonio Negri para escrever das multidões sexopolíticas. Félix Guattari foi ao encontro de Gilles Deleuze e Deleuze de Guattari. Foram ladrões, inclusive um do outro. Deleuze e Guattari formaram um agenciamento coletivo teórico plural. Misturaram-se a Spinoza, Nietzsche, Negri e uma multidão de outros, para fazer potência de multidão neles mesmos. Fizeram “filhos monstruosos”.

Não roubou Judith Butler [2001-2003] da filosofia da linguagem diversas ideias que constituem sua visão acerca de gênero e sexualidade? Michel Foucault raptou vestígios, catou restos de diferentes tempos e espaços, desestabilizou verdades e subtraiu de [grandes] nomes e normas, possibilidades de resistência. David Lapoujade [2017] hackeou os diferentes modos de existência de Souriau [2020] para falar das existências mínimas [2017]. Linn da Quebrada, e outras artistas, vêm pirateando referências do mundo *drag*, *queer* e decolonial para produzir artes multitudinárias. Cristian Mossi [2016-2018] tem produzido pesquisas em educação em interface com filosofia e arte. E eu: tenho ido ao encontro destas forças, de outras não-humanas, das que encontro no mundo e, principalmente, no mundo da escola para fabular a presente pesquisa. *Pot-pourri*: mistura de referências selecionadas que compõem a criação, ou como será dito, a fabulação de uma *escola incomum*. A pesquisa aqui produzida é fabulada, pois, de **roubos consentidos**: experiências conjuntas, criadoras de sentidos. Sentidos que não buscam a significação, ou a reconhecimento, mas outras direções, posturas, éticas.

Pesquisa povoada com arte, educação, filosofia e outros afetos⁴. Com escritas **e** imagens **e** sons **e**[ntre] encontros com humanos **e** não-humanos **e** instituições ... **e...e...e...** conjunção capaz de “sacudir e desenraizar o verbo ser” [DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36]. Pesquisa-com-junção de elementos heterogêneos, comumente colocados em oposição por suas diferenças, mas “no vasto domínio das **simbioses** que coloca em jogo seres de escalas e reinos inteiramente diferentes, sem qualquer filiação possível” [DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 16] a junção bagunça o EU-maior. Mania de agrupamento. Paixão por mistura. Teimosia em multiplicar. Crescer pelas beiradas, por entre o concreto da cidade.

[...] “como o **capim**: se fez do mundo, de todo mundo, um **devir**,
porque se fez um mundo necessariamente comunicante,
porque se suprimiu de si tudo o que impedia de deslizar entre as coisas,
de irromper no **meio** das coisas. Combinou-se o "tudo", o artigo indefinido,
o infinitivo-devir e o nome próprio ao qual se está reduzido. Saturar, eliminar, colocar tudo.”
[DELEUZE; GUATTARI; 1997, p.64]

⁴ Referência ao POVOAR, grupo de estudos em *arte, educação, filosofia e outros afetos*, coordenado pelo Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi – espaço de debate e investigação científica e artística essencial para esta pesquisa.

Escrever para não morrer. Escrever porque a vida é força que pulsa desejanste por mais vida. Ao quadrado. Vezes dez. Mais vinte no trinta e três. Ao Infinito. Etcetera. Escrever porque é fácil morrer. Todos os dias, em verdade, morre uns poucos em nós. E apavoro-me. Escrever mesmo sabendo que morrerei. Escrever porque é fácil matar. Meu deus, como é fácil calar o Outro. E o Outro que habita em mim. E calar é matar. Dizimar populações. Escrevo para poder viver. Viver e fazer morada, morada que se avizinha, morada que dê passagem. Escrever porque é necessário. Porque forças intensas nos atravessam. E versam canções de notas que mal conhecemos. Nos forçando a encará-las. Forças arrebatadoras. Cruéis, até. Forças estranhas. Escrever para dar vida ao estranho que em mim habita.

“Escrever não tem outra função: ser um fluxo que se conjuga com outros fluxos – todos os devires-minoritários do mundo. [...] Escrever não tem seu fim em si mesmo, precisamente porque a vida não é algo pessoal. Ou, antes, o objetivo da escritura é o de levar a vida ao estado de uma **potência** não pessoal.”

[DELEUZE; PARNET, 1998, p. 41]



Formei-me cientista social e nos estudos sociológicos e antropológicos, um aprendizado ficou latente em mim. Dos estruturalistas aos pós-estruturalistas, aprendi da intencionalidade nas relações sociais: quando há intenção por parte dos sujeitos, mesmo que desintencionalmente. Não descarto essas perspectivas. No entanto, ao entrar em contato, no campo da educação, com as filosofias da diferença, sobretudo via textos de Deleuze e de Deleuze em parceria com Guattari, tenho feito da pesquisa e da atuação pedagógica uma lógica que diz mais respeito à **intensidade** do que à intencionalidade: nem vertical, nem horizontal, mas transversal, o que Guattari [1990] chamou de uma eco-lógica.

Atenção aos processos, movimentos, ações, ao invés de favorecer estruturas, identidades, sistemas. Pois a estrutura expulsa as singularidades, não permitindo devir [GUATTARI, 1981, p. 163]. O tempo desta pesquisa, ainda que datado, marcado por um ponto inicial, e outro ponto de conclusão, é preenchido por outros tantos pontilhados sem-fim dos quais procuro favorecer. “Aíon – tempo do acontecimento puro ou do devir”, [...] diferente de Cronos, “aquele que fixa as coisas e as pessoas, desenvolve uma forma e determina um sujeito” [DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 44].

Outros percursos também formaram-me, é importante destacar⁵. Na militância, aprendi e pratiquei a *diversidade*, [sexual, de gênero, racial, cultural...], noção de importância inegável da qual faço uso ditática e curricularmente, também como “bandeira” política necessária. No entanto, ela está ligada diretamente a outra noção que, entendemos, merece ser tensionada em suas contradições e limitações: a de *identidade*. A **diferença**, contrariamente, não é identitária. Não pretende ser completa, homogênea, definida [tem seus contornos, por certo, mas não definitivos]; nem múltipla, nem una [é sempre *uma*]; não é variedade entre “iguais”, não busca ser

⁵ Esses percursos aconteceram principalmente em organizações estudantis dentro da própria universidade e fora dela, focadas no combate às violências sexuais e de gênero contra minorias, também em movimentos de ocupações de escolas, eventos como parada livre, entre outras ações, como protestos, passeatas, intervenções artísticas.

“normal”; a diferença não quer ser [do verbo É], quer é diferir, multiplicar, criar conexões, acontecer “entre” e pelo “meio”; a diferença acontece por composição, experimentação, devir-outro; a diferença, desrespeitosamente, apenas difere [TADEU, 2002].

Nesta pesquisa, não objetivamos dissertar sobre “os diferentes”, sujeitos excluídos transgressores das normas. Antes, pretende problematizar os processos que os colocam em tais posições [subjetivação], e privilegiar os movimentos de *dessubjetivação* [devir] implicados nesses processos. O sujeito, amplamente teorizado desde o pós-estruturalismo, passando pela teoria pós-crítica, estudos culturais, feministas, decoloniais, até as filosofias da diferença, esse sujeito [que são muitos, sabemos], talvez principal invenção da modernidade ocidental, como sugere Foucault [1985; 1997; 2014], tem sido desfeito por invasão de *forças estranhas*, historicamente não assujeitadas, que retornam sempre que possível para avisar: abandone o sujeito! abandone, *mona*⁶, esse sujeito!

Diferentemente das concepções que buscam um “sujeito da educação”, interessamo-nos mais pela **multidão**: reunião de corpos plurais que habitam a escola, com singularidades irreduzíveis, não-representáveis, monstruosas [NEGRI, 2004; PRECIADO, 2011]. Do mesmo modo, partimos da noção de **multiplicidade** pois são os encontros com as diferenças, muitas delas ainda sem nome, identidade ou forma[tação] o que buscamos ressaltar. “Partimos”, inclusive, não é sobre um lugar histórico datado [origem]. Partir, aqui, é em sentido fragmentário: do que racha, quebra, e se espalha; repartir como quem dissemina mais do que repara.

⁶ Essa e outras expressão *pajubá* são muito utilizada no meio LGBTQIA+. Pajubá é uma espécie de dialeto que mistura expressões vindas das línguas iorubás, africanas com a língua portuguesa. Hoje seu uso é comum entre pessoas de dentro e de fora da comunidade, seja em redes sociais, programas televisivos, eventos culturais etc. Seu uso em outros tempos [como os da ditadura militar brasileira, de 1964 a 1985] foi imprescindível para pessoas trans e/ou dissidentes de gênero e sexualidade sobreviverem à violência, em especial, a policial.



Enquanto professor-pesquisador, é estranho falar *esta pesquisa isto, esta pesquisa aquilo*, uma vez que se trata também de *uma docência*; ou *uma vida*, se quisermos alargar. Professor-pesquisador, não necessariamente nessa ordem, mas obrigatoriamente neste estado em que o hífen denota a indiscernível inseparabilidade destas posições, em que ensino e pesquisa se conjuntam, se misturam e possibilitam uma docência-pesquisa criadora, transcriadora⁷ [CORAZZA, 2011].

Pensar a docência como uma zona de pesquisa [MOSSI, 2016]. Ondas de intensidade mais do que limites topográficos; teoria e prática não em consequência, mas em revezamento uma da outra [OLIVEIRA, 2018]. Uma teoria-prática ou, para usar dos termos de Foucault [2012], *teorização*: teoria com e em ação, ação com teoria. Do mesmo modo, escritas e imagens. Imagem com texto, e escrita tensionada com imagens, ambas como “linhas de vida que traçam cartografias complexas entre ver, falar e subjetivar-se sobre um Fora, sem, no entanto, abandoná-lo. [...] pesquisa que busca um ainda impensado” [MOSSI; OLIVEIRA, 2019, p. 221].

Imagética da pesquisa: imagens aqui compostas são de autoria própria, tão rasuradas quanto *traíras* do seu próprio autor; em caso contrário, local, motivo e responsável serão informados quanto ao contrabando.

⁷ “Da transcrição dos nossos próprios elementos educacionais depende a intensidade de permeação entre ações de pesquisa e prática docente com as diversas manifestações artísticas, filosóficas e científicas.” [CORAZZA, 2015, p. 113]



De que é feita uma escola? Do que ela é capaz? Ou seria melhor perguntarmo-nos, clandestinizando a conhecida questão spinozista a respeito do corpo:⁸ *que pode uma escola? Que podem as multiplicidades ou, ainda, as multidões que nela habitam?* Essas perguntas têm me perseguido. Procuo-as [e por vezes, encontro-as] anotadas em meio aos rascunhos, em reuniões pedagógicas, em bate-papos informais. A escola é feita de muita papelada, criançada, correria, bagunça, **CAOS**; de violência; de alegrias. Uma escola tem, certamente, muitas camadas. Rostos. Rastros. E Restos. Feita de gentes [humanas] e coisas [materiais] e forças [não-humanas] e...e...etcetera. Na resposta rascunhada em meio aos achados-bagunçados encontro escrito: *a escola é feita de intensidades*.

⁸ Aqui faço referência a Spinoza por alguns de seus intercessores [ou seriam ladrões, uma expressão mais in/fiel?]: Deleuze e Parnet [1998], Tomaz Tadeu [2002], Antonio Negri [2014].

É uma postura desinteressada de nossa parte conceber a “matéria” da escola, quer dizer, do que ela é feita, como em uma lista [as listas escolares de início de ano!] da qual cada item possui uma utilidade, e o que dela escapa ou sobra, se descarta. Tomo, hoje, essas questões em relação à escola – destaco o tempo presente do hoje, pois nem sempre foi assim – não tanto no sentido da capacidade [ser capaz de algo], mas, da potência [de vir alguma coisa]. Ao invés de utilidade, pensaremos nos usos; no lugar da identidade, os modos. Pesquisa sem sujeito e objeto, menos ainda de um sujeito feito objeto de pesquisa. Interessa-nos, justamente, a multiplicidade: de seres, bandos, grupelhos, forças [de fora], tensões [de dentro]. Multidões. Em especial, as multidões sexopolíticas que operam como desvios às subjetivações da macropolítica sexual, chamadas pelo filósofo Paul Preciado de *multitudes queer* [2011].

Para tentar responder às intensidades das quais atravessam uma escola, tem-me ocupado a criação de uma escola singular, ou melhor dizendo, a sua fabulação. Em “A vida dos homens infames”, escrito de 1977, Foucault [2006] traz o *fabular* como uma possibilidade de discurso do indizível, do intolerável, do pior e mais secreto, daquilo que ele chamou “infâmias”. Na literatura, a fábula será indiferente para com o verdadeiro ou falso, mas será, também, etimologicamente falando, uma conversação, aquilo que merece ser dito.

“todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso
e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros
– breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu
contato instantâneo com o **poder** [...] um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo
menos apagá-las. [...] essas vidas, por que não ir **escutá-las** lá onde, por elas próprias, elas falam?”

[FOUCAULT, 2006, p. 207-210]

Escola incomum: espaço de infâmias. Nascida do reino do confabulatório a partir das experiências docentes em diferentes territórios. Um professor em devir que se encontra com as experiências de alunes em seus processos de devir e de criação de si. Escola atípica, fugidia das regras do Majoritário, criadora de uma re-união, de um conjunto, de um **comum**. Busca ter força de existência, ao mesmo tempo possível – inventar a partir dos termos que se têm à disposição – e impossível, pois como uma obra aberta a ser des/re/feita, é sempre incompleta. “Chegar a um certo ponto da vida que seja o mais perto possível do não possível de ser vivido” [...] o máximo de intensidade, e, ao mesmo tempo, de impossibilidade”, explica Foucault [2010] ao tratar da experiência.

“A experiência [...] tem por função arrancar o sujeito de si próprio,
de fazer com que não seja mais ele próprio
ou que seja levado a seu aniquilamento ou à sua dissolução.

É uma empreitada de **dessubjetivação**.” [FOUCAULT, 2010, p. 291]

Escola cheia de real e cheia de ficções a serem contadas. Escola contestadora de outras escolas. Uma escola em disputa de sentidos, mas não em busca por uma evolução, ou até mesmo um aprimoramento neoliberal, na figura do sujeito a ser sempre “melhorado”⁹. Ao invés de evolução, pensaremos uma revolução **micro**política [GUATTARI, 1981; ROLNIK, 1986], preocupada em garantir a pluralidade de existências, principalmente aquelas *mínimas*, menos visíveis, com pouca legitimidade e, por isso, as que mais buscam o direito a existir no mundo a sua maneira ou escapando de qualquer maneira. É pretensão dessa pesquisa-docência-vida tornar mais reais essas

⁹ “Seja a melhor versão de si mesmo” é uma frase comumente utilizada nesse sentido neoliberal de autmelhoria constante.

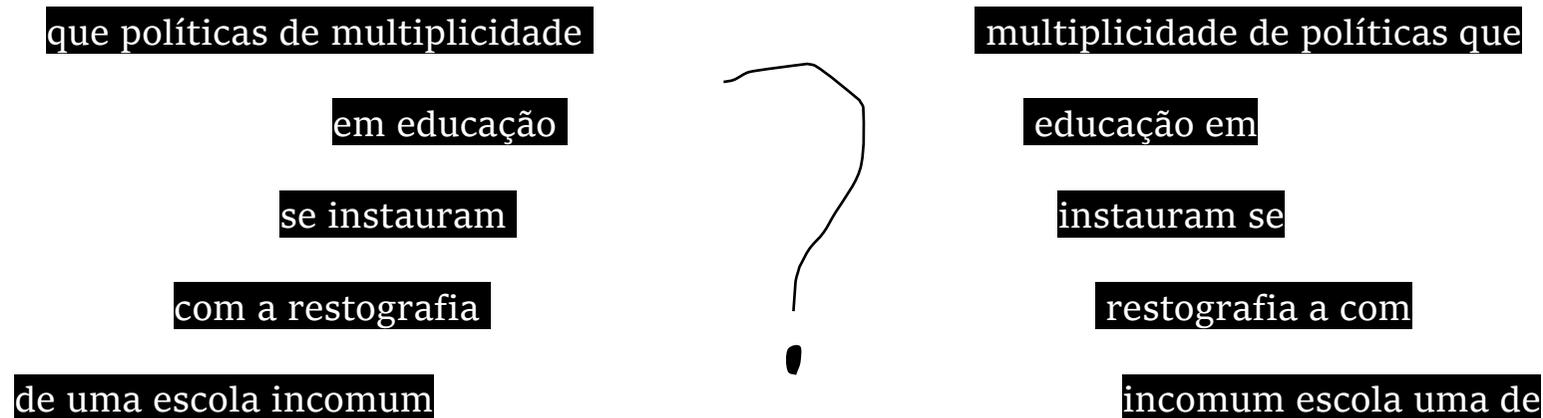
existências “despossuídas”, ilegitimamente, de realidade, uma forma tanto de protegê-las da destruição e da morte, como de incitá-las à vida, ao modo Souriau e Lapoujade de ser-fazer. Instaurar certa cosmocidade, “tirar um **cosmos** do caos” [LAPOUJADE, 2017, p. 84], dando-lhes um abrigo, uma casa, uma toca.

Uma escola incomum: “uma” escola e não “a”, pois ela diz de um território-menor singular e singularizador que busca inscrever-se tanto fora das generalidades identitárias como das personalidades subjetivas. Uma escola que circula por “fora” da maioria. Escola-menor, para roubarmos a expressão cunhada por Gallo [2002], feita de minoridades, ou como direi, **restos** – fragmentos da vida docente que formam um método chamado *restografia*, modo pelo qual essa pesquisa foi fabricada.

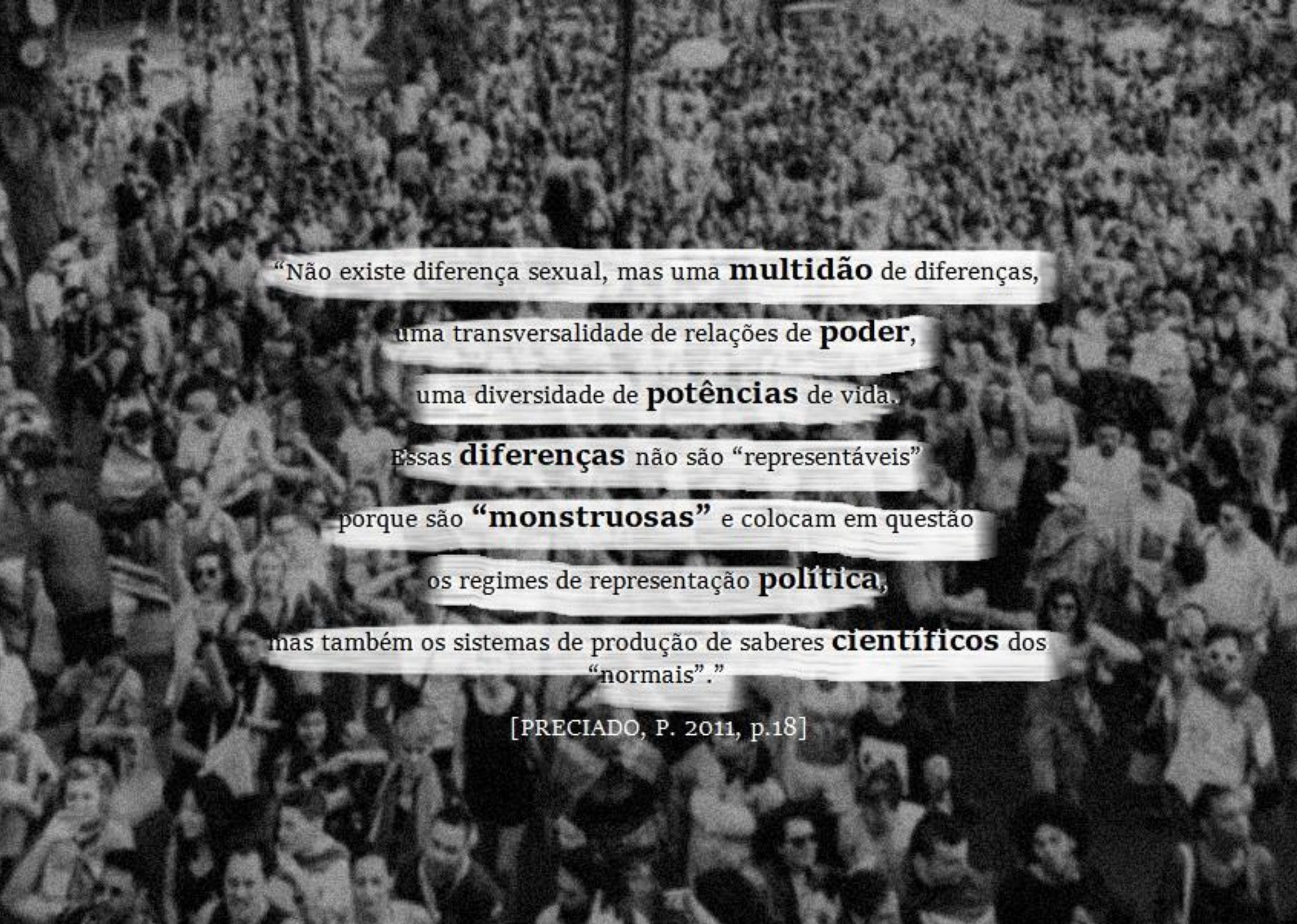
Parece que não há correspondências boas para sua pesquisa

Dica: Tente usar palavras que possam aparecer na página que você está procurando. Por exemplo, "receitas de bolo" em vez de "como fazer um bolo".

Essa mensagem apareceu algumas vezes para mim no processo de feitura da pesquisa. Não por menos! Ao buscar, no site Google, algumas das palavras aqui escritas, você também pode acabar caindo na mensagem inspiradora acima. Na busca de, talvez, mais fundamentação para uma pesquisa que opera, diferentemente, pela via da criação, acabei recebendo esse conselho: busque “receitas de bolo”.



Se essa pesquisa se propõe a problematizar tal questão não é para pensar “boas correspondências”, nem receituários a serem seguidos para uma “boa docência”. Trata-se de um trabalho de experimentação diário na docência; na pesquisa; trabalho de si; trabalho de criação de vida. Uma ética que não busca, nas palavras de Deleuze, ao retomar Foucault, “formas determinadas, como no saber, nem regras coercitivas como no poder. Trata-se de regras facultativas que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida.” [1992, p. 123].

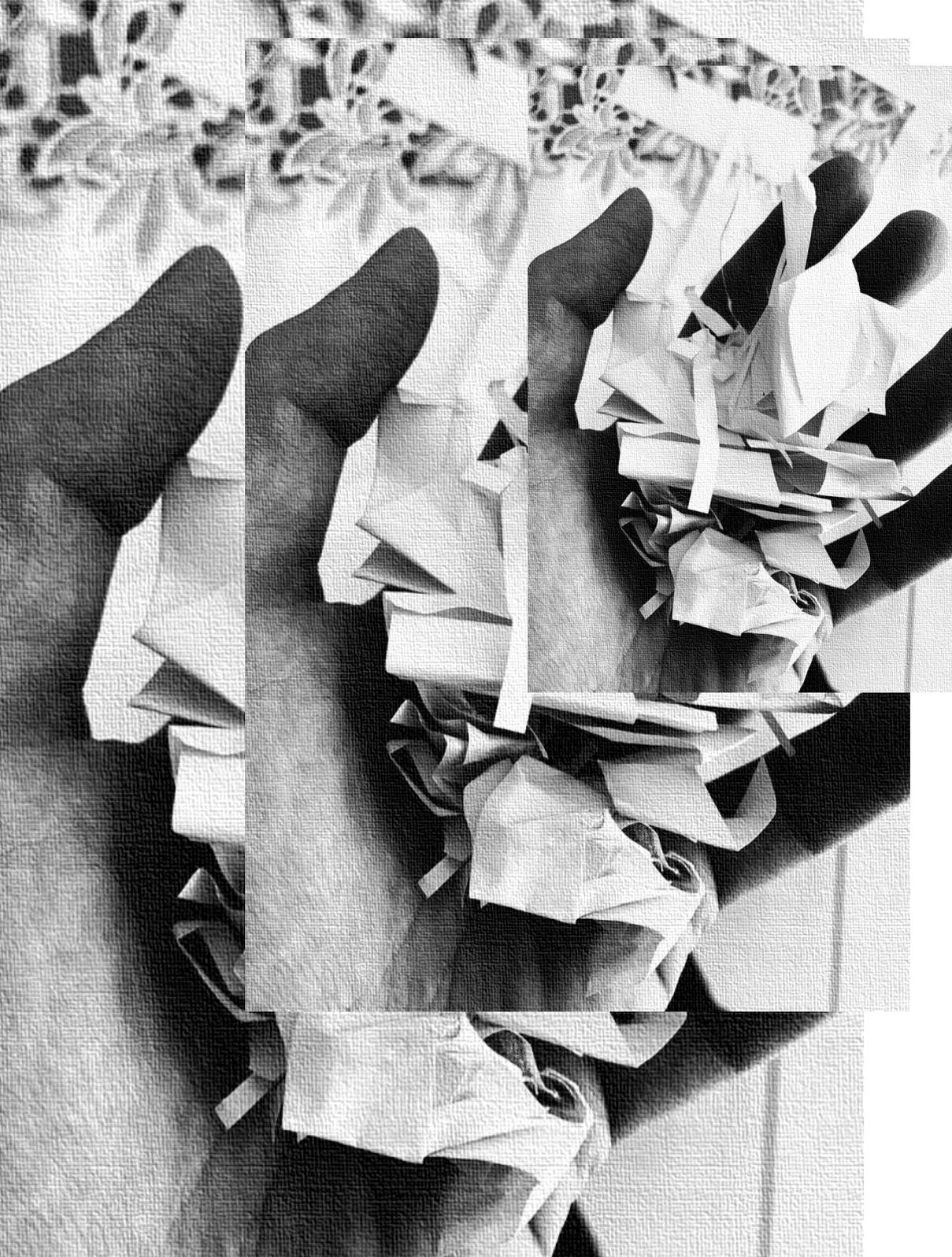


“Não existe diferença sexual, mas uma **multidão** de diferenças,
uma transversalidade de relações de **poder**,
uma diversidade de **potências** de vida.
Essas **diferenças** não são “representáveis”
porque são “**monstruosas**” e colocam em questão
os regimes de representação **política**,
mas também os sistemas de produção de saberes **científicos** dos
“normais”.”

[PRECIADO, P. 2011, p.18]

criações

método *[i] lógicas*



Textos. Cadernos. Diários. Anotações. Registros.

Pastas. Subpastas. Pastas dentro de uma pasta.

Cartazes. Avisos. Recados.

Post-its e banners e planners e flyers.

Mapas. Tabelas. Infográficos.

A folha perdida. O desenho rasgado. A lembrança guardada.

Mensagens de amor. Mensagens de pavor.

Livros. Enciclopédias. Dicionários. Glossários.

Páginas. Sites. Redes. Mídias. Vídeos. Fotos. Memes. Gifs.

Palavras-chave. Resumos. Fichamentos. Sínteses.

Ou vagas ideias escritas à lápis. Ou à caneta.

Ou coladas na parede. Expostas no quadro.

Pilhas e pilhas e pilhas.

Caixas e caixas e caixas. Tomar nota.

Oferecer **possibilidades**, entregando materiais – matéria de escola.

E receber a entrega. E dar a devolutiva. O feedback. Responder à altura [à altura de quem? E do quê?].

Responder. Mas sem respostas. Devolver a pergunta [mas ficar com o trabalho – é preciso corrigi-lo!].

Responder em forma de carta. Com um poema. Com um vídeo-poema¹⁰. Com dicas. Conselhos.

Guardar. Reabrir um dia e pensar: oh meu deus! Chorar. Rir. Entrar em devir a partir do que se tem.

Um professor vive de restos, do que junta no caminho, das cousas-personas-seres que se ajuntam.

Uma professora vive dos fragmentos encontrados no caminho. Caminho que ela mesma criou.

Professor = ajuntamento. Juntar. Ajuntar. Reunir. Fazer junto. Agenciar, pondo

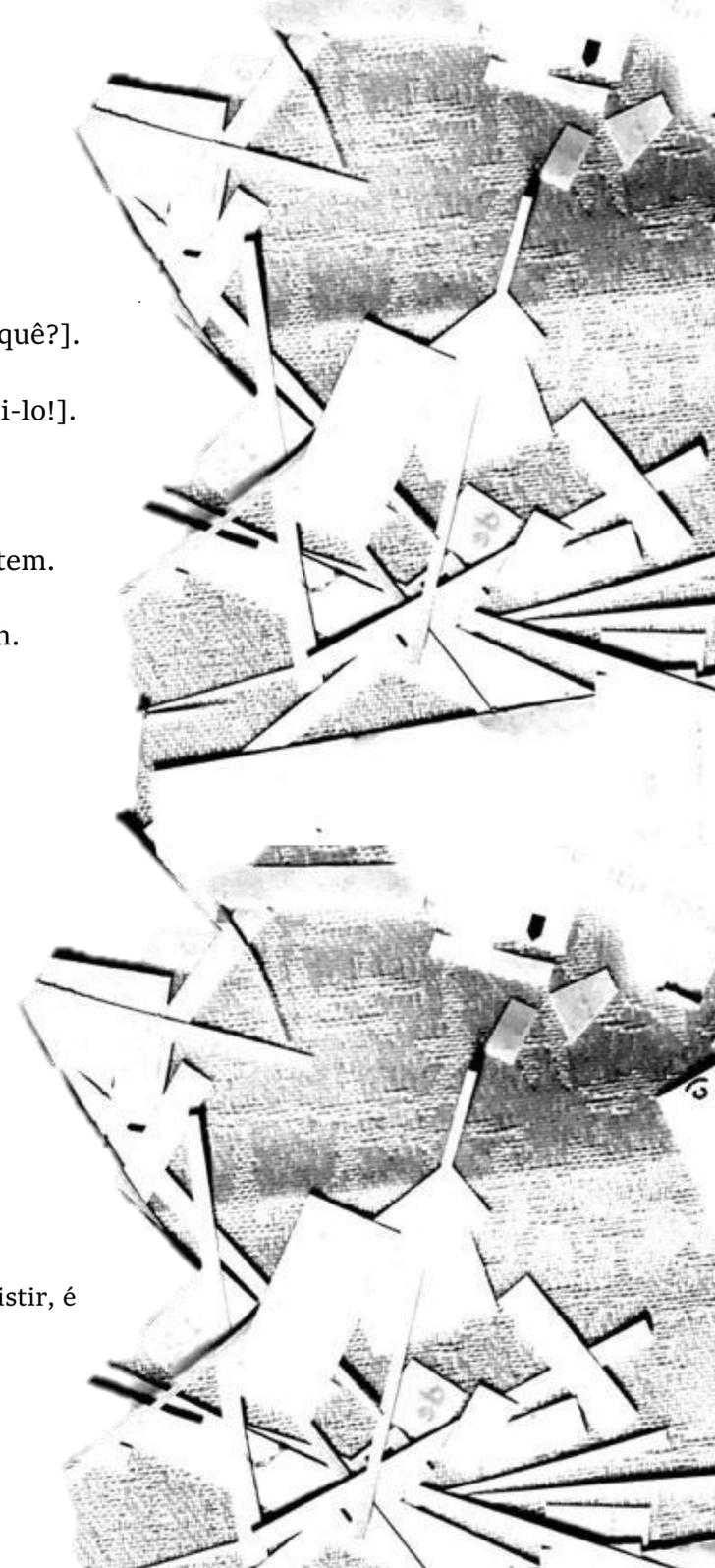
“as multiplicidades em conversa,

comunhão, movimentação,

de modo que não se consegue ver

uma a uma, mas todas **juntas-únicas**” [DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.33]

¹⁰ vídeo-poema produzido como devolutiva de uma atividade que discutia equilíbrio nas relações. Para assistir, é preciso deixar o mouse sob o link, fazer uso da tecla Ctrl, e então, clicar no link disponível.



para Thainan

pesquisa em educação

as leituras

O texto

o arquivo

as "referências"

teus poemas,

questões de vida.

E essa Escola Incomum?

invenção

errâncias,

fabulação,
poética

sobras

ruínas,

sigamos,
junto S a "enxamear-se"!

1º semestre de aulas no Mestrado em Educação. Ano: 2019. Local: grupo de orientação. Nome oficial da disciplina: *Pesquisa e criação: experimentações, povoamentos, linhas errantes*¹¹. Números [desatualizados]: 3 orientandes¹². 1 Professor. Recebo uma carta escrita por uma colega. Avaliação sobre a primeira escrita ensaística realizada. Emociono-me. Guardo, com afeto. Coloco-a na geladeira da cozinha. Na parede da sala. Meses depois, a destruo. Faço dela, picotes.

Era preciso recriá-la. Compor outra carta a partir do já-escrito.

Era preciso escrever uma carta para mim mesmo. Com as sobras das palavras alheias.

Com os recortes de um **Outro** que fala de mim. Era preciso começar a criar um método, [ou apenas nomeá-lo?]

Tem nome para o que faço desde a iniciação à docência? *Do modo que faço*, melhor dizendo – pergunto-me.

Certa vez, tive um sonho [ou pesadelo]: corredor da escola; grande movimentação de estudantes, popularmente conhecida como *muvuca*. Em meio a isso, lá estou, vestindo pijama, com pantufas nos pés, como que em um desprendimento e uma tranquilidade ao, por ali, circular. Até que uma colega-professora aponta para mim, com ar acusatório: “mas o que é isso, senhor professor?” Examino-me, toco-me: preciso saber o que de mal fiz. Corro desesperado, pensando no que, afinal, havia feito de errado.

¹¹ Ministrada no Programa de Pós-Graduação em Educação [PPGEDU-UFRGS] pelo Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi.

¹² O grupo utiliza a linguagem neutra em boa parte dos diálogos e interlocuções – uma linguagem que busca não flexionar o gênero no feminino ou no masculino, daí ser conhecida como “neutra”.

Tomadas pelo pensamento deleuze-guattariano, Kastrup [2013] e Rolnik [2006] propõem o método cartográfico como possibilidade para mapear gestos, sensibilidades, sensações e forças de outras ordens de forma conjunta, traçando planos comuns. O exercício da docência nos coloca em posição de cartógrafos, se assim quisermos pensar. Acompanhar as e os estudantes em seus processos de aprendizagem¹³. Gradualmente. Em degradê. Nuançado. Movimentos ora lentos, ora mais velozes.

Então estou, de algum modo, fazendo uma cartografia? – questiono.

Sim, mas isso pode ainda vir a ser nomeado. Ou *não nomeado!* – é o que ouço, em resposta.

“Problema de **escrita**:
são absolutamente necessárias
expressões **inexatas** para designar algo exatamente” [DELEUZE; GUATTARI; 1992 p. 31].

Outubro de 2019. Disciplina *Poéticas do arquivo em Filosofias da diferença e Educação – primeira série, do artifício*¹⁴. Número inexato de estudantes. Muitos. Um professor, muitos convidados. Multidão em sala. A partir de exercícios de observação inspirados no poeta George Perec, desloco-me do 7º andar até o 5º, 4º, 3º, até chegar ao saguão. Vejo a paisagem pelas janelas. Vou até um banheiro. “Why so serious”? encontro escrito em uma colagem. Pergunto-me: “Por que tão sério, senhor mestrando? Fabule!”

¹³ Assim como Deleuze [2003], entendo a aprendizagem como apreensão de signos, e não a assimilação de conteúdos objetivos. Nem representação, nem reprodução, mas criação de algo, de mundos, de si mesmo.

¹⁴ Ministrada pelo Prof. Dr. Máximo Lamela Adó, no PPGEDU/UFRGS.

da escrita: um poema

a escola é um dicionário aberto,
inquieto. faz palavrear o mundo.

quando eu era criança...
ganhei um dicionário gigante.
e lá, ficava a citar significados
perdia a hora, ganhava o tempo.
era tanto palavreado
para um planeta disparatado.

dispersão
e eu me apouquemava
diversão - e eu me agigantava.

quando eu era adulto
pensei: disso tudo: bobagem!
mas me faltava mesmo era coragem
pra resolver um impasse:
assumir ou esconder o disfarce?

ai eu cresci. me tornei professor
e para curar uma tremenda de uma dispraxia
entrei em devir
..... devir - Colmeia

... e me interessei ab...

professor - abelha...
porque é preciso incomodar
po - li - mi - zar

escola - Zumido
Composta por ruído
Suporta distopias disloxias e distalías
e faz do devir

IV/
| | |
| 2 |

“Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? [...]

Essas são questões inúteis. [...] Partir ou repartir de zero, buscar um começo ou um **fundamento**, implicam uma falsa concepção da viagem e do **movimento**.” [DELEUZE e GUATTARI; 1995, p. 34]

Quando se parte rumo a uma viagem, se parte de um ponto territorial específico. Não se chega a lugar algum senão por orientações latitudinais e longitudinais – linhas que cortam a estrada. Mesmo sabendo a exata toca de onde saiu um coelho, ao encontrá-lo, estamos diante de sua passagem por nós. Estamos diante de uma movimentação, de um vulto – curto espaço de tempo – que pode se prolongar e se fixar no espaço. Queremos aqui, os **acontecimentos**.¹⁵ Os entres e o meio. E por que não, as entrelinhas? O que funda uma sociedade senão traços desenhados ao longo de um tempo, inscrito em um território? As partes das partes das partículas partidas. Nunca um Todo.

Que resta, então? Restam-nos os restos, os rastros. Juntá-los, confabulá-los. Não estou fixo em um ponto específico do mapa, mas em movimento constante entre as entradas e saídas do campo educacional. Docência em movimento, disposta a viajar [inclusive em si mesma], encontrar outros caminhos, refazer as antigas rotas. “Fabular para pensar a própria docência” como sugere Davina Marques [2015]. Fabular é um modo de fazer “pesquisa-menor”, questionando os modos pretensamente universais, com lógicas unicamente logocêntricas. São as “Pesquisas Majoritárias em Educação” que acabam, segundo Mossi e Oliveira [2016] “excluindo o máximo possível de variantes e singularidades” [p. 125]. Penso, aqui, em “possibilidades metodológicas, políticas, éticas, estéticas de uma pesquisa em educação feita nos acontecimentos, com restos, com **cacos**, com mínimos gestos, reivindicando a possibilidade do menor, do mínimo, do efêmero, do inútil” [RIBETTO, 2016, p.10].

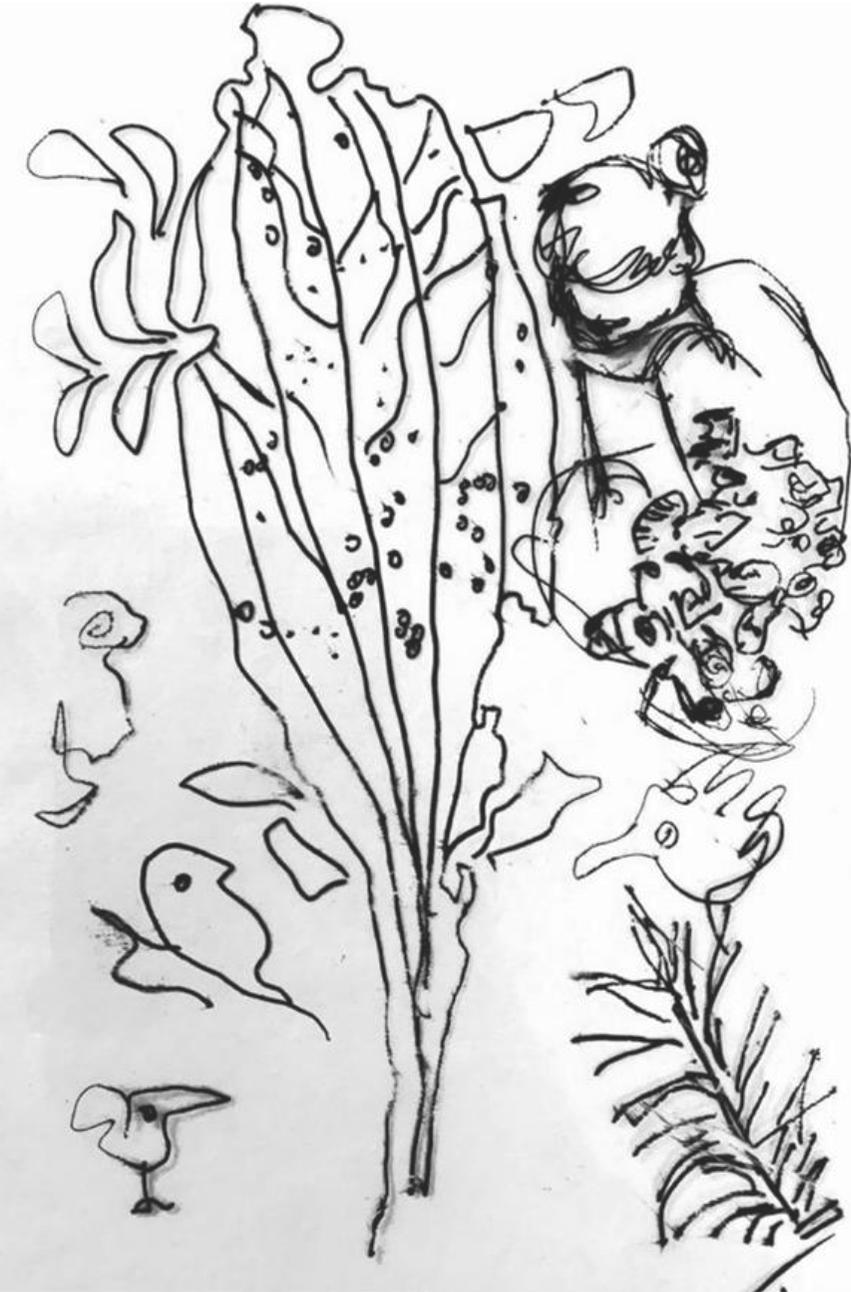
¹⁵ “Querer o acontecimento” – ato chamado por Deleuze, de *Amor Fati*: “extrair de nossas ações e paixões essa fulguração de superfície, contra-efetuar o acontecimento, acompanhar esse efeito sem corpo, essa parte que vai além da realização, a parte imaculada.” [DELEUZE; PARNET; 1998]

Fabular é um modo menor de estar à margem de um Maior, presente não somente nas pesquisas, mas nos mais diversos microterritórios que nos atravessam. Ou ainda, multiplicar molecularmente frente aquilo que Deleuze e Guattari [1992] chamaram de “multiplicidades molares ou extensivas”, aquelas “unificáveis, totalizáveis, organizáveis” [p. 45]. Um modo de correr por fora da linha, mas não totalmente. Como que beirando. Cambaleando. E pôr-se a continuar aqui no agora, não lá, nem *depois*, como nos ideais inalcançáveis e nas românticas utopias. Criar *foras*, dentro de si. In. Em. Com. Junto de.

Mas fabular a partir do quê? E como? Ora, a figura do professor mistura-se e confunde-se tantas vezes com a de um escriturário; ou com a de um arquivador. Guardamos amontoados de papéis. Registramos palavras. Anotamos desimportâncias. Levamos a sério e respeitamos, à la Manoel de Barros [2006] “coisas e seres desimportantes”. Revisamos escritos. Recordamos ditos. Fazemos de nossas funções delegadas, escriturário ambulante. Inventário de novos mundos. Rabiscamos e rascunhamos. Professor é rascunho aberto em meio às certezas acomodadas.

Ao escrever a respeito do que chamou de “docente da diferença”, Corazza [2009], pergunta “como criar uma *artistagem* docente?” Certamente não nos falta matéria [viva ou morta], tampouco companhias, mas é preciso saber como entrar e estar em relação com as multiplicidades. Saber em criação. Segundo a autora, criação que não passa pelo primado da Identidade, da Representação, da Subjetividade pessoal, do Sujeito Universal, mas sim por uma “ética, estética e política que abarcam encontros corajosos com o Fora selvagem” [p. 105].

Um dos desafios postos a essa investigação, é compor com esses guardados-achados-refeitos pelo fazer docente. Também com os perdidos, inaudíveis, invisíveis. Quando penso que o que nos resta é fabular, restar tem o sentido de agrupar e multiplicar restos-rastros. Penso muito nas crianças, *seres fabulosos*. Não somente nelas, mas em devir-criança. Devir-mulher, devir-gay, devir-negro, e outras



fabulosidades. Que fazem, senão fabular e **sub V E R T E R**? Fazer surgir, de baixo, dos submundos moleculares, forças intensas. Fabulações! Só que diferente das fábulas das quais crescemos ouvindo na escola, sempre finalizadas com uma lição de moral, penso que é preciso criar *lições de morada*.

O que pode surgir das próprias sobras, das sujeiras [im]pertinentes e desagradáveis? É possível, das ruínas, confabular reinos? Formar domínios, orientações, éticas e poéticas com força de sentido e afecção? Anelice Ribetto [2016] propõe uma escrita composta por “cacos”. Uma escrita “nos restos e com restos” [p. 11]. Sobreposição e colagem de materiais respingados-arruinados-mal-dizentes e que ganham corpo, vida. Composição do que restou e do que neste exato instante se encontra como corpo-constituído, mas logo virá a se decompor. Uma pesquisa-viva é certamente um exercício cansativo de montagem, mas também de compostagem [carregada de matéria morta do que ficou e segue como coisa orgânica]. Compor-decompor coletivo.

2019, disciplina *Gaia ciência: ecosofia e micropolítica*¹⁶. Exercício de observação de elementos interiores à sala de aula. Desenho feito à duas mãos. Grafia coletiva. Lembrança que resta, resto que produz novas forma/t/ações. Com-fabular essa pesquisa tem sido, provisoriamente, pensar em [ou por] uma *restografia*.

¹⁶ Ministrada pela Prof. Dr. Paola Zordan, no PPGEDU/UFRGS.

restos

grafias

r e s t o g r a f i a



Na primeira imagem, acima, autorretrato feito por uma aluna com síndrome de down, a partir de um exercício de auto-percepção proposto a ela. Naquele ano de 2018, após sucessivas tentativas de apreensão da aluna a alguma atividade escolar, quase todas consideradas “fracassadas”, conseguimos – eu e ela, ela e eu – chegar a um “rosto”, um **traço** mais definido ante suas tantas indefinições. “Aqui não é o melhor lugar para ela” – dizia sua professora regular. Pouco tempo depois, a aluna foi transferida para outra escola.

Na segunda imagem, desenho feito por um aluno com D.I [deficiência intelectual], a partir de uma proposta de exercício pensada após eu ouvi-lo dizer que não queria ser adulto: “não quero ser adulto, professor, adulto me lembra sangue”. O ano era 2019. O aluno mal havia entrado na adolescência. No exercício, elaboramos juntos desenhos em que ele pudesse expressar seus sonhos, sempre muito conturbados – não muito diferentes de sua realidade familiar. Nessa ocasião, ele havia sonhado com a morte ilustrada no desenho, à direita, e seus pedidos de socorro, à esquerda.

Um método restográfico pretende “resgatar” produções “minhas”? “Reviver” produções de “meus alunos?” De modo algum! Trata-se, diferentemente, de co-produções, se assim pudermos chamar. Ou **agenciamentos** coletivos que acontecem em aula, se prolongam para este espaço de pesquisa, mas certamente não do mesmo modo. Estão, aqui, transformados.

“Sempre se trabalha em **vários**,
mesmo quando isso não se vê” [DELEUZE, 1992, p. 156].

Cada resto que compõe esse percurso de pesquisa docente diz de um instante, como um vento – ora mais forte, ora mais sutil – que faz as folhas se moverem, mas também é capaz de romper com a fixidez de uma árvore de raízes profundas. Alguns acontecimentos são habituais, já outros são “instantes privilegiados”. No perspectivismo filosófico de Étienne Souriau, são estes últimos os que oferecem uma “guinada no ponto de vista” [LAPOUJADE, 2017], permitindo com que vibrem “numa *efervescência* de *virtualidades* que constituem o esboço ou a promessa de uma existência mais real” [p. 63].

“Basta um **instante...**

para que tudo seja percebido de **outro modo**”

[LAPOUJADE, 2017, p. 63]

Todo processo de estratificação endurece formas e modos de existir. Na produção de estratos, contudo, também consegue-se obter **extratos**: as sobras, os resíduos, os restos. Passagens menores tiradas de um alfabeto; pequenos extratos que resistem a uma ortografia normativa. E, ao grafar, gravar outros gestos, na tentativa de, talvez, “salvar da destruição a **variedade** das formas de existência que povoam o mundo...” [LAPOUJADE, 2017, p. 21]. O método da restografia tem se proposto a isso: gravar outras grafias a partir do que não se estratificou ou escapou dos estratos.

Embora a educação tenha uma vasta dimensão, circundando infindáveis outros espaços da vida coletiva, a escola concentra uma quantidade de energias e ações que merece atenção. É o que tem me tocado nos últimos tempos em âmbito ético, estético, político e assim, me mobilizado a criar uma zona investigatória em torno da escola. Mas não qualquer escola, tampouco a Escola: instituição estatal, governamental, disciplinar. O que me mobiliza neste momento tem a ver com a criação de uma “educação-menor” [GALLO, 2002], ideia-conceito roubada naquilo que Deleuze e Guattari [1977] chamaram de “literatura-menor”, ao analisarem a obra de Kafka.

Lá dentro da grande Escola, onde se ensina e se aprende formal e institucionalmente, aliar-se a uma *educação menor* atenta e acolhedora aos desvios da norma, possibilitando, assim, criar *resistências* que sejam, conforme Foucault [2015], tão inventivas, móveis e produtivas como o Poder. Um espaço que não se pretende total ou totalitário, mas que possa abarcar, conviver e compor com a multiplicidade de existências ali habitáveis. Uma multiplicidade que não tem “nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza” [DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15].

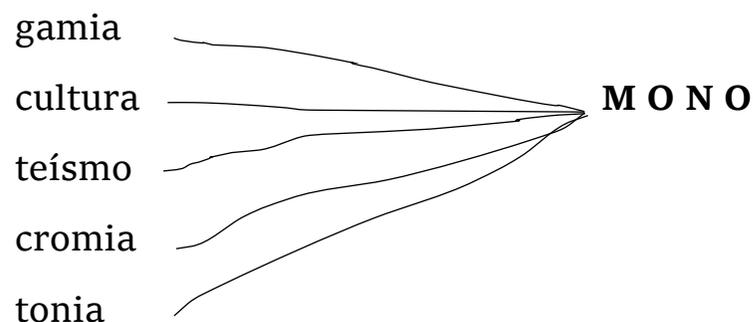
Multiplicidade que implica obrigatoriamente em multiplicidades. Sem ordem. Do contrário, de várias ordens. Aberta às diferentes **combinações**. E que [nos] mudam conforme crescem, conforme se espalham e se aliam aos devires. Diferente da imagem cartesiana de uma educação arborescente, com raízes firmes, que cresce, ramifica-se e aguarda, em espera, os “bons frutos”, pensar em multiplicidade é pensar em uma *educação rizomática* – feita aqui neste plano, que é da imanência, e não da transcendência.

Aprender com as **ervas**, sobretudo as **daninhas**.

Rizomar: se espalhar feito erva **maldita!**



Ano de 2017. Em conjunto com o Núcleo de Antropologia Visual [NAVISUAL-UFRGS], realizei o documentário “Trajetos e Trajetórias na Horta Comunitária Lomba do Pinheiro”¹⁷, interessado pelos saberes e práticas ancestrais agenciados em um espaço rururbano de educação não-formal. Foi quando pude me aproximar mais das plantas alimentícias não-convencionais, popularmente conhecidas como *pancs*, plantas muitas vezes indesejáveis, descartadas por serem vistas como inço ou mato, mas que podem ser comestíveis e até usadas em cerimônias [afro]religiosas. Elas se espalham rapidamente, fazem alianças com outras multiplicidades, inclusive molares.



e qual o espaço do PLURAL [ismo] existencial?

Por pluralismo existencial, o filósofo Étienne Souriau entendia a vasta multiplicidade de formas de existir, sendo “a” existência, cada maneira de existência possível. Portanto, a existência são todas as existências em seus modos de se manifestar, alguns inclusive, “inominados”, à espera de sua instauração, quer dizer, de sua construção, invenção. Os seres são, assim, plurimodais ou multimodais, e o mundo, um emaranhado de planos, ou intermundos. “É que o mundo inteiro é bem **vasto** se há mais de um gênero de existência” [2020, p. 11].

¹⁷ O documentário está disponível em: [Trajetos e trajetórias na horta comunitária Lomba do Pinheiro - YouTube](#). Para acessar, segure o mouse sobre o link, use a tecla ctrl e clique para assistir.

“Mais **comunhão** com as coisas do que comparação”

[BARROS; 2015, p.15]

Nas múltiplas camadas que vamos “desbravando”, a composição não busca recompor fragmentos de alguma pretensa unidade maior/total/original, mas sim fazer do fragmento a própria “obra”. A obra [e podemos pensar aqui a escrita e a inscrita docente] enquanto espaço que permite habitar forças difusas e fragmentadas. A educação é um campo ou uma zona extensa [extensiva e intensiva] da qual a pesquisa faz passagem, reside, e opera fugas e desvios. Pela educação não vou além nem aprofundo algo que já não esteja ali, na superfície. A educação abarca e alarga as questões que trago. **COMpor** quer dizer fazer em companhia, diferentemente de um pensamento de oposição, fazer a partir de um pensamento de composição [TADEU, 2002].

Uma visão maior e utópica levaria a crer que “somente a educação pode nos salvar das mazelas de nosso país”. Ouço com desconfiança os discursos que proferem ou que acabam recaindo nessa ideia que, em verdade, é um ideal. Uma vez que a escola é apenas uma dimensão da vida social, extremamente presente e importante, mas, ainda assim, não é única. E em que pese a realidade precária e em condições tendendo a piorar em tempos de ataques micro-fascistas, desconfio igualmente do papel majoritário ou central de que é colocado o professor, a professora. Muitas vezes aparecendo como uma grande figura que oscila: entre alguns meios é herói, em outros é inimigo. O professor é uma figura ainda bastante central quando se fala e quando se faz educação. De um lado, acredita [ele próprio] ser dono do saber, e por isso mandatário de uma série de coisas, por outro lado, coloca-se em uma perspectiva dita crítica, como simples mediador entre um sujeito e outro, entre uma realidade e outra, o que diminui, a nosso ver, a potência de criação.



escola - RIZOMA

quando nasce se esparrama pelo chão

quando morre vira resto de matéria orgânica

para crescer outra escola, então

escola - ERRÁTICA

gesta proles prosas poemas

quer preservar a

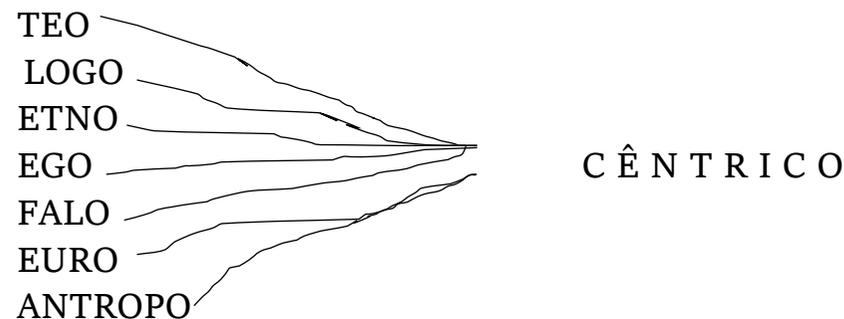
pro

life

raçã o

Para COMfabular, fabulando junto e compondo uma outra escola naquela mesma existente, é preciso “colocar-se à deriva, como barcos em águas desconhecidas. E na repetição destas experiências, criar o diferente”, aponta Gallo [2000, p. 43]. Nesse sentido, uma educação-menor passa a ser também **marginal**, pois percorre às margens em tom provocativo com os centros duros. Não almeja um dia ser centro, pois não é margem em sentido identitário. Talvez possamos pensar verbalmente, em um movimento de escola que *margeia*. E que retorna, sempre diferente, a um lugar-outro que não a origem de tudo.

Não se trata de criar uma nova oposição, em que menor transforma-se naquilo contrário a Maior; em que margem se torna o novo paraíso a ser habitado frente ao fracasso dos “grandes centros”. Temo por toda elevação romantizada das “periferias do mundo” sem qualquer adendo ou contrabalanceio. Por ser fácil cair em novas polarizações ou reforço delas mesmas, é preciso cuidado e atenção. Estar à deriva como método ou como estado de pesquisa-docência tem a ver com isso: vagar entre-mundos por vezes radicalmente postos em oposição sem, contudo, tomá-los em absoluto.



[e qual o espaço do EX-cêntrico?]

A escola enquanto instituição tem tomado um espaço cada vez mais central na vida de grande parte do conjunto populacional das sociedades, como o caso do Brasil. É sabido, pois a chamada universalização ou democratização do ensino elevou consideravelmente o acesso a todas as instâncias de poder educacional, embora ainda existam profundas desigualdades. Nascermos, e tão logo estamos... na escola. Não passamos apenas incontáveis horas de um calendário escolar que ocupa praticamente a totalidade dos meses de um ano [o justamente dito ano escolar!], a passagem pela escola atua de forma intensiva na **subjetivação** do que somos e daquilo que viemos a nos tornar. Por que somos o que somos e como nos tornamos isto que somos? – questões imprescindíveis em boa parte da obra foucaultiana. A escola marca os corpos, habita memórias, e percorre uma extensa linha de duração tanto mais forem escolarizados os sujeitos. No caso da docência, há um prolongamento nesses estados, pois o *ser professor*, mais que uma identidade, acaba por ser a dobra, em nossa perspectiva, de um *estado-aprendiz*, ou a vontade de.

É recorrente a pergunta que busca interrogar quando nos tornamos pro-fes-so-res. O momento preciso de quando se decide embarcar em uma viagem sem volta. Sem volta pois sujeita a desconfiguração. **Desrostificação**, mais do que a identificação, se quisermos pensar, junto de Deleuze e Guattari [1995], em processos contra significantes impostos em uma subjetivação docente. Muito provavelmente seja difícil datar uma origem com exatidão. Fui, sou-estou, continuarei A SER. Sendo. Não sei se há outra alternativa [realística – que cria REAL i d a d e s] senão sendo, estando [estar enquanto presença].

Da docência [quando ainda pretendia ser maior]: “Por que tu escolheu ser professor? Tu pode ser mais que isso! Há profissões melhores!” Essas são frases que ouvi de algumas pessoas, incluindo professores, no início do percurso docente. “Farei Ciências Sociais”. Estranhamento. Caras de desapontamento. Um pouco de ignorância [não-saber] – estado comum que carrega potência. Mas, sobretudo, a vontade de conservar maior que a de misturar, conversar, versar junto. Uma área menor dentro de uma área já inferiorizada: motivos pelos quais tantas vezes tive vergonha em expor meu percurso profissional.

Da sexualidade [quando ainda pretendia ser maior]: “Que pena! Um desperdício! Talvez tu mude de ideia, é jovem! Pode ser apenas uma fase passageira”. Essa foram algumas das frases em relação a minha sexualidade. Interrogações insinuando a “falta” [a ser preenchida] ou um “vazio” [do quê, exatamente?]. Por outro lado, percepções de que há, naturalmente, no ser-gay, um “exagero”, uma “saturação” de gestos, cores, jeitos e trejeitos. Em um episódio na educação inclusiva, uma das professoras negou a minha presença junto de seus alunos. Assim, impediu o acompanhamento aos alunos com deficiência matriculados naquela classe ao longo de todo o meu percurso na escola. Sua justificativa: “ele é chamativo demais para uma sala de aula”. Foi recomendado a mim mais “discrição”, inclusive nas roupas comumente coloridas.

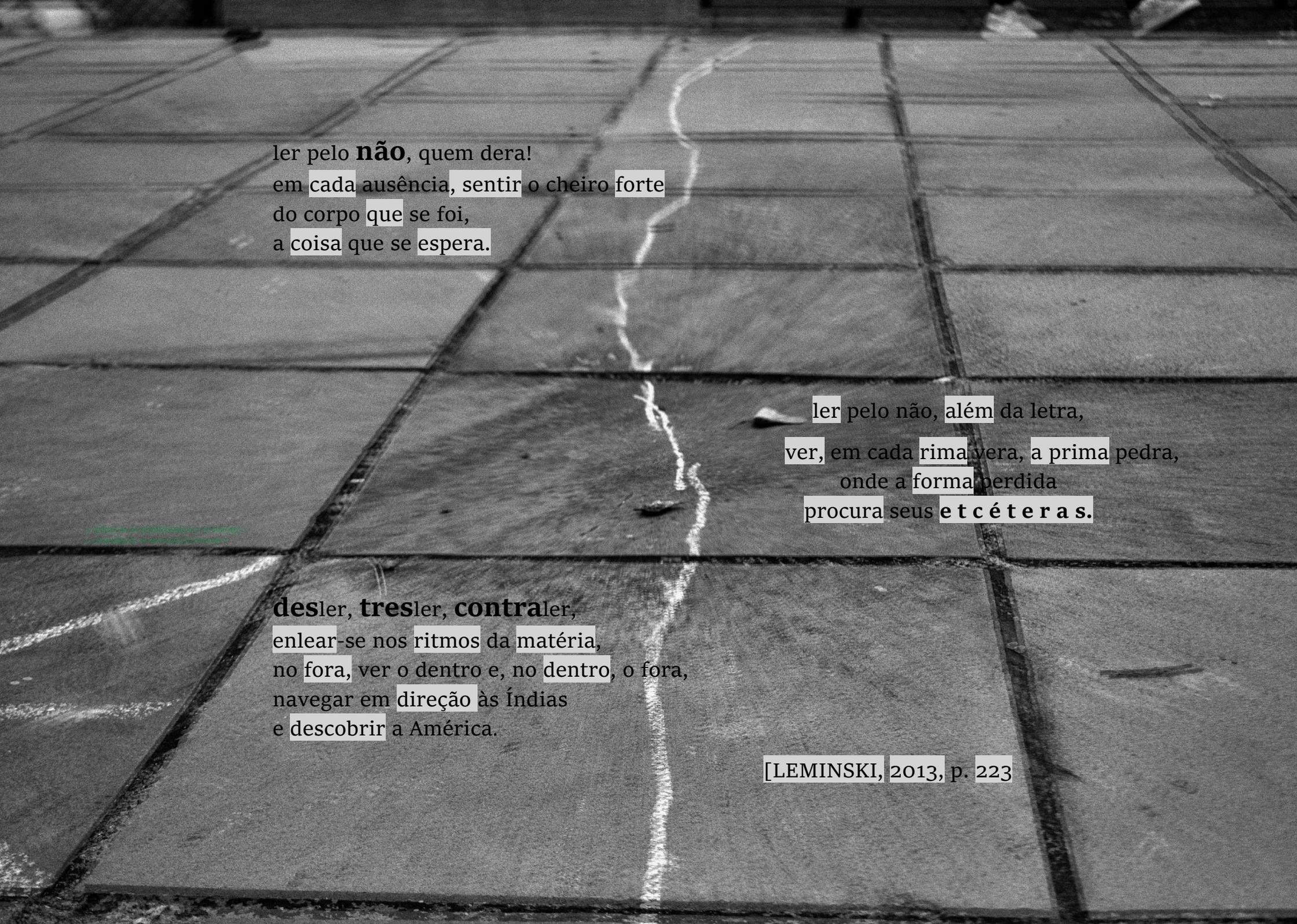
Fevereiro de 2020. Ensino Médio. Ao final do período de uma aula de Sociologia, alunos puxam papo e me relatam suas primeiras impressões acerca do novo professor. Eu havia recém iniciado na escola. Algumas alunas dizem que já sabiam de algumas coisas a meu respeito, pois é de praxe *stalkear* qualquer *ser estranho* a adentrar seu “habitat natural”, a escola. Pergunto-me: que será? Descubro, então, que minha chegada foi tomada com ironia por parte de alunos que me estranharam ali chegar. Idealizavam um professor “macho-alpha”, segundo a própria expressão que ouvi. Mas acabaram por encontrar uma outra imagem de professor. Na foto compartilhada em um grupo de alunos, eu estava colorido, com glitter e um arco-íris pintado em uma das bochechas.

Um professor-menor, que *margeia* uma educação-maior seja através da área de conhecimento, seja pela sexualidade marginal. Como esse professor se singulariza, entra em devir, enxameia-se, e produz um corpo-menor nos espaços escolares que circula? *Que políticas de multiplicidade se instauram com a restografia de uma escola incomum?*

Maio de 2020. Uma aula remota sobre Antropologia e as suas contribuições para o campo das ciências jurídicas e sociais. Público: alunos do curso de Direito de uma universidade particular. Ao adentrar o cenário brasileiro e a sua constituição sociocultural, conversamos sobre os principais símbolos que nos marcaram na construção de uma “identidade nacional”. No momento das perguntas, um aluno interrogou-me: “professor, ser um país grande, com tantas diferenças, não nos atrapalha a ter uma identidade, ou...não ter uma boa imagem lá fora?”

Não lembro como o respondi. Na verdade, imagino qual a resposta posso ter lhe dado. Mas isso não importa, pois a resposta de um colega seu me pareceu mais interessante. Ele o respondeu do seguinte modo: “o inglês é conhecido pela pontualidade, o japonês pela disciplina, e o brasileiro?” Houve aqui uma pausa dramática. E ele prosseguiu: “o brasileiro é conhecido pela **gambiarra**, pois sempre damos um jeito.” Muitas reações foram esboçadas, como pude notar nas câmeras abertas da videochamada: do riso ao choque, da descrença a concordância, da vergonha a adesão.

Claro que essa resposta pode ser lida como a expressão de um Estado brasileiro omissivo, que não cumpre com suas atribuições básicas, também como um certo “sentimento vira-lata”, em que só conseguimos visualizar potência no que está exterior a nossa realidade, a um “lá fora”, como disse o primeiro aluno. Por outro lado, a resposta – dita em tom de brincadeira – também pode ser pensada seriamente como possibilidade para a criação. Criar a partir do que se tem – mesmo quando se tem tão pouco. “[...] Nessa demora do mínimo como potência expressiva do [im]possível que podemos inventar, talvez, uma outra língua”, sugere Ribetto [2016, p. 11], ao propor uma escrita com restos. A língua do pajubá – tecnologia de resistência à língua-maior da cisheteronorma –; as mais de centenas línguas indígenas existentes no Brasil [eram milhares antes do período colonial]; a linguagem coloquial [insubmissa às regras oficiais]; a linguagem neutra [rachadura no binário feminino/masculino, antes restrita a alguns grupos pequenos na internet, hoje comum em espaços como a mídia, a escola...]. Pensar os “dialetos” não como variações de uma língua-mãe, mas criações singulares no interior mesmo de um sistema.



ler pelo **não**, quem dera!
em cada ausência, sentir o cheiro forte
do corpo que se foi,
a coisa que se espera.

ler pelo não, além da letra,
ver, em cada rima vera, a prima pedra,
onde a forma perdida
procura seus **etcéteras**.

desler, **tres**ler, **contra**ler,
enlear-se nos ritmos da matéria,
no fora, ver o dentro e, no dentro, o fora,
navegar em direção às Índias
e descobrir a América.

[LEMINSKI, 2013, p. 223

... pois também é feita essa pesquisa de muitas gambiarras – ligações e amarrações a partir de um precário e frágil existir. Foco nas relações, onde é possível *gambirriar*, inventar, mais do que em sujeitos ou objetos de pesquisa, apostando na potência de um percurso que se encontra [e se perde] nos encontros. No que toca e troca. Entre polos, se é que eles existem, para além do que assim se convencionou pensar como aluno/professor, indivíduo/sociedade, natureza/cultura, centro/margem. A suspeição e suspensão dessas dicotomias abrem espaço para pensarmos novas possibilidades, como por exemplo, a **confabulação** de uma escola-menor. Uma escola incomum = estranha, mas **COM p a r t i l h a d a**. “Mas” enquanto contraste, não enquanto oposição. Escola desenhada, traçada com os restos, os rostos e os rastros do que fica, do que não fica. Restografar os passos e os ex-passos por onde se transita *docentemente*, fazendo dos fragmentos a própria matéria da vida.

“a existência é **f r a g m e n t á r i a**

porque se **esboça** em vários pontos diferentes ao mesmo tempo

e permanece, assim, fundamentalmente

des

contínua

e lacunar”

[SOURIAU, 2020, p.98]

contos sem nome

I. um bicho

Fevereiro de 2020. Início como professor de sociologia em uma nova escola. Novas paisagens, novos encontros para acontecer. Corpo que se metamorfoseia pelos contratos e contatos com outros corpos. “Você só está um pouco perdido ainda, mas está tudo bem”, disse-me uma colega professora, nos primeiros dias. Em inícios, estamos mais soltos, também mais perdidos. Como se fôssemos parar sabe-se-lá-onde, pois há diversas possibilidades de rumos a se seguir. Essa coisa de perder-se no caminho e ver paisagens não-planejadas ou programadas. Uma perdição que é o próprio caminho, como escreveu Clarice Lispector em “A Cidade Sitiada” [1982]. Um perder-se com presença e preenchimento, não vazia e sem rumo – tal qual a pesquisa, tal qual a docência. Perder-se pode ser revelador.

Mas onde encontramos a resposta, professor? – questionam impacientes, alguns alunes.

Não sei, só pesquisando para descobrir – a ânsia pela resposta é sempre maior que a vontade pela pergunta.

Nos inícios, parece que sentimos tudo mais à flor da pele. Há uma sensibilidade diferente. Um olhar não viciado. Um olhar desacostumado, e por isso, aberto às belezas e intempéries. Nós, professores, somos seres **nômades**, por mais que nos estabeleçamos em alguns lugares por temporadas, migramos. Estamos o tempo todo a fazer revoadas, assim como os alunes. E nesse vai-e-vem, a cada encontro ocorrido próximo ou longínquo, defrontamo-nos com alguma nova *espécime*. Ou nem tão nova assim. Bem, vou lhes contar de uma.

Essa, em específico, é mais velha que os humanos. E até mesmo as abelhas. Parece ter ressurgido de um sítio arqueológico próximo à escola. Esta escola de onde falo me traz problemáticas outras, pois está antenada-plugada-conectada via *wi-fi* com um futuro que ainda não existe para a maioria dos outros espaços que tenho percorrido. O comunicado que a mim chegou nos primeiros momentos de estadia,

foi o de que ali, a chamada quarta revolução industrial, altamente tecnologizada, robotizada, digital, seria um dos horizontes no fazer docente.¹⁸

De fato, há muitos robôs na escola onde me encontro – e onde, processualmente, farei a construção de um *habitat* [seja por adaptação, mutação, intervenção e outros processos]. Junto das [a]gentes humanas, estão eles: os robôs. Não faz muitos dias, me deparei com um aluno conversando com um deles no corredor da escola. Estava sentado no chão, tentando algum tipo de comunicação com a máquina, via programação. O aluno estava cansado, desanimado, abatido. Tinha um concurso nacional na semana seguinte e precisava se resolver com aquela tecnologia.

Mas esse não é um conto sobre robôs, estes são relativamente recentes na história da humanidade. Embora essa escola pareça funcionar em uma espécie de *Tecnoceno*, essa habitante da escola vem de outro cenó, de outra cena. Vem de uma Era já findada há milhões de anos. A ciência possui suas teorias e inúmeras hipóteses a respeito desse animal que já passou pela extinção e hoje só pode ser visto em filmes, livros ou museus.

Após algumas escavações, encontrei o bicho. Sim, ele mesmo, o próprio. Não era um fóssil, resto do que já foi, era resto vivo, orgânico. Ele se move em busca de alimento e proteção. Às vezes andando sozinho, cabisbaixo, como se sem pertença. Por outras, indo-vindo em bando, se misturando com outras espécies. Como outros, também está em constante disputa, e para isso se alia até àqueles que se dizem mais fortes e mais poderosos que ele [nem todas as espécies são assim, há variações conforme o ambiente e as condições]. As ciências naturais com suas explicações biológicas, por vezes biologicistas, não dão conta de tudo, como se acreditou tantas vezes [e a

¹⁸ O conto foi escrito no período ligeiramente anterior à pandemia de covid-19; nesse sentido, é curioso notar como “o futuro que ainda não existe” de que havia escrito chegou tão logo quanto inesperadamente.

escola se organiza levando em conta crenças como a da universalidade e da totalidade]. Pois como estou contando, eu o vi. E não só! Estou o vendo neste exato instante! Vendo, convivendo, trocando palavras, e palavras estão sendo trocadas.

De imediato, quando conheci essa espécie, performava humanidade. Uma humanidade esquisita, é verdade. Mas não demorou muito para eu conhecer a face bicho. Face-corpo-e-andar não-humano. Era carnaval e muitos seres estranhos andavam à solta naquele dia. Vou revelar-lhes a tal *criatura*: É, pois, um dinossauro, espécie tratada como **incomum** por aqui. Ou: dinossaura, no feminino. Ou talvez melhor ainda, *dinosaur*, em língua inglesa, e nessa forma, sem flexão de gênero [a língua nos prega peças!].

“O que fazer agora? Como tratá-la?” – professores têm questionado quanto ao seu nome “original”:¹⁹, como se houvesse ali uma grande perda – e, de fato, há. A Escola [com suas carteiras], o Estado [com seus cartórios] a Religião [com suas cartadas] – cada uma destas instituições podem constituir experiências violentas e traumáticas para *seres incommuns*. “E a Família?” – perguntei-lhes esses tempos, preocupado. “Sabem, mas não dizem nada” – respondeu-me, cabisbaixa, a criatura, balançando a cabeça como que se oscilasse entre a decepção raivosa e a inércia de quem nada mais se espera, pois nada pode ser feito.

O bicho dinossáurico fala pouco, mas desenha compulsivamente. Na sala de aula, é tão incomum quanto os seres que um dia existiram, mas acabaram por ser extintos do planeta. Tem passado por crises mais do que o considerado comum.²⁰ Andou sumido, mas reapareceu, com desenhos para mostrar. Ele quase não interage pela fala, sua expressão parece ser da ordem de um ruído-outro. “Qualquer arte tem um puta poder de **cura**” – escreveu-me logo após mostrar um desenho seu.

¹⁹ Nas vivências trans ou não-cisgêneras, fala-se de um “nome morto” [death name], que nada mais é do que o “nome de batismo”, presente em documentos oficiais como certidão de nascimento. É um ato transfóbico, infelizmente recorrente, retornar a esse nome “original” no sentido de origem, não tratando a pessoa em questão por seu nome escolhido.

²⁰ Com o isolamento social imposto pela pandemia de covid-19, relatos dessa natureza passaram a ser constantes.

É preciso pensar na criação de uma persona e de uma pessoa, que aí está se dando. De uma potência de vida que merece cuidado e atenção, jamais a extinção. Qualquer extinção – das mais brandas as mais brutais – não necessariamente na sua destruição total. Enquanto humanidade, estamos vivenciando essa experiência coletiva, da ordem da contradição [que experiência não é contraditória?]. Ao nascer, somos marcados por um nome. Dentro de um regime sexo-identitário, nominal, de *nominalidade*, somos marcados não só a partir de um gênero binário [masculino/feminino], mas de um sexo biológico [homem/mulher; macho/fêmea] dos quais nos conferem mais ou menos *inteligibilidade*, conforme pontua Butler [2003]. Embora a própria filósofa localize o “sexo” dentro de uma ordem pré-discursiva que se blinda de críticas, quando, em verdade, é tão socialmente construído quanto o “gênero” [BUTLER, 2001].

Esse não é um conto acerca das práticas tecnológicas que exerço enquanto professor nesta escola, mas ele pode ser sobre algumas *tecnologias do poder*. Uma delas, e a principal para a investigação de Foucault [2014], é a sexualidade. Em outras palavras, ele tentou analisar como o sexo tornou-se ferramenta de organização social, política, interpessoal. Um dispositivo que age na produção de nossos desejos e vontades. Nele, foi investido tal energia e obstinação, a ponto de nada mais passar ileso a uma certa lógica sexual que se proliferou e está neste instante em praticamente todos os lugares sob diversas formas: repressão, exclusão, censura, permissão, incentivo, segredo, ocultamento, inexistência, anulação, investimento.

Isso porque o Poder [maiúsculo, maior] deixa de estar centralizado em um local ou figura poderosa, a exemplo de um Rei Soberano. Ainda que haja concentração deste Poder – alguns grupos têm em mãos mais e outros menos – ele está espalhado, distribuído em todas as nossas relações – desde as macro até as micropolíticas. Há poder do policiamento estatal à vigilância pessoal, da repressão do Estado à recusa dos próprios sentimentos, da normalização médica a ojeriza a corpos estranhos, da escolarização disciplinarizante em massa à postura individual do que é ser bom ou mau aluno/professor. Nada escapa *no* Poder! Mas algumas coisas escapam *do* Poder!

“Liberar o poder das ficções do domínio totalizante
é parte de um processo denso
de rearticulação perante as violências sistêmicas.
Requer um trabalho continuado de **reimaginação**
do mundo e das formas de conhecê-lo,
e implica também tornar-se capaz de conceber
resistências e **linhas de fuga**
que sigam deformando as formas do poder através do tempo.”

[JOTA MOMBAÇA, 2016]

Gênero, Sexo, Raça, Sexualidade, Parentalidade, Conjugalidade, Escolaridade. O Amor. E o ódio. A corporalidade. E o território nacional. E a cabeça que pensa [o corpo não!]. Também são todas estas ficções que nos inventam. E é preciso repensá-las. Imaginar outras. **Fabular ficções** que nos dizem **respeito!**

Em “Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência”, Jota Mombaça [2016] defende o poder da imaginação, não como “uma via para o recentramento do homem e reestruturação do poder universalizador, mas uma força descolonial, que libere o mundo porvir das armadilhas do mundo por acabar.” [p. 16]. O mundo está acabando, pois, há tempos a vida tem sido capturada por forças capitalísticas, que roubam a força vital e castram nossos desejos [ROLNIK, 2018]. A fim de preservar a multiplicidade que faz o mundo pulsar vida, é preciso não esquecer das existências pulsantes, pululantes, gaguejantes, uma vez que o esforço para as desmantelar é grande e constante. Escrever das infâmias que resistem; resistir [micropoliticamente] tão móvel, produtivo e inventivamente como o Poder e suas tecnologias, aparatos, dispositivos [FOUCAULT, 2015]. Hackear os sentidos que circulam contra nós, conectar a novos elementos que nos dizem respeito, que nos dão respeito, inventar uma gambiarra!

Julho de 2021. Formação pedagógica. Resto de um escrito [em forma de carta] que chamei de *cartase*:

Escrever em papiros; comunicar-se por hieróglifos; guardar segredos em diários; a arte rupestre no interior de uma caverna escura; a caixa de comentários do G1; os 280 caracteres de um tuíte; o tecno do brega; a breguice da ABNT; a sigla cada dia maior do LGBT ou LGBTQ ou LGBTQIA+. Na palavra, uma técnica empreendida, montada e executada conforme seu tempo, sua geografia, suas contingências. Palavrear; Artistar; Inventar; Instaurar = tecnologias sociais, ancestrais, em devir.



Agosto de 2021. O desenho acima é parte de uma atividade em que alunes foram desafiados a criar uma cena – seja ela imagética, escrita, falada – que tivesse relação com algum conceito de ciências humanas trabalhado naquele período. O conceito escolhido pelo alune foi: **A R T E**. Um homem fragmentado ou fragmentando-se? Alguma mulher em pedaços, desfazendo-se? Um rosto andrógono – nem masculino, nem feminino – ou talvez a mistura de ambos? Um rosto. Um olhar fitado e triste, ao longe, incerto. Um rosto, apenas. Fragmentos estilhaçados formam a face assim como a desfazem. A *criatura-dinosaur* – que se expressava geralmente desenhando dinossauros – como se quisesse reproduzi-los em série, mas também produzir em si mesma devir-animal, agora tem se aventurado em outros traços. Da criatura tem saído outras crias e criações. Parece até que tem se autocriado, feito criações de si. Pergunto-me, como na música: “quem é esse rapaz que tanto androginiza, que tanto anarquiza, pra dessocializar?/ [...] que tanto androginiza, que tanto me convida, pra carnavalizar?”²¹

Souriau [2020] defende que precisamos advogar pelos “diferentes modos de existência sem os quais não haveria existência alguma; como também não haveria arte sem as estátuas, os quadros, as sinfonias, os poemas”, ou seja, sem multiplicidade.

“A arte é o **conjunto** de todas as artes

A existência é cada um dos modos de existência

Cada existência é, por si só, uma **arte** de existir” [SOURIAU, 2020, p. 49]

²¹A canção original é da banda gaúcha Almôndegas, já a versão que me refiro é interpretada pelo artista pernambucano Almério.

ser professor é conduzir **sons**:

barulhos
ruídos
estridências
gaguejos
cacoetes
gemidos
berros
falsetes
agudos

é **comportar** – se de algum jeito:

gesticular em **bando**

com junta mente

gritar junto e forte

em sinal de protesto.

cantar uma canção em dueto:

melodia calma que faz criança ninar.

é **traçar** um gesto vestindo roupas de tal

estar TRAJADO, à caráter –

algo que se vê por cores, **formas**, símbolos.



e seguir se **importando**
compromisso com um mundo plural
mesmo que “sem lenço sem documento,
nada no bolso ou nas mãos”

é portar **vozes**,
não para guardá-las em algum lugar
sem ar
asfixiando-as
mas para ser uma espécie de **guardião** destas existências
guardar como cuidar.
fixar como durar no tempo-espaço.
dar voz, não como quem dá algo a quem não se tem
mas como quem oferece a sua própria existência
fica à disposição
alerta e em atenção

tornar mais real o que já existe, **mínimo**,
a sua própria maneira.

II. uma fera

Março de 2021. Um ano de ensino domiciliar, feito inteiramente em casa, por conta da pandemia de covid-19. O isolamento social impôs aos diferentes contextos escolares um cenário inédito até então²²: viver a escola sem, no entanto, estar nela. Ensinar e aprender um tanto de coisas cada um de sua própria casa, do seu próprio quarto, ou sala, ou cozinha ou outro canto rapidamente improvisado. Casa que, a muitos, não oferece condições necessárias na construção de conhecimento[s], seja em sentido material, de recursos tais como computador, celular, internet, seja em sentido de sociabilidade, ou seja, possibilidade de conhecimento de *outros* mundos, com *outros* seres, de invenção de *si*. Esse segundo ponto nos interessa aqui.

Esse contexto não faz da escola, necessariamente, o espaço em que tais condições existem por si só. As desigualdades sociais têm se agravado no Brasil, e por isso, também as discrepâncias educacionais, o que deve ser um ponto de [ainda mais] atenção por parte de nós, docentes, neste e nos próximos anos pós-pandemia de covid-19. Porém, também já é sabido que a escola majoritária, como a conhecemos, oferece pouco em termos de possibilidades existenciais aos seres que nela habitam, especialmente àqueles tomados como “abjetos”, para usar do termo de Butler [2001].

Na escola moderna hegemônica, cartesiana, racionalista e inspirada nas filosofias da representação, “o problema do outro ou é resolvido por sua absorção no mesmo, como no viés cartesiano, ou não é passível de ser equacionado, como no viés sartriano, permanecendo como campo problemático.” [GALLO, 2008, p. 6]. O “Outro” enquanto diferença, não correspondente “à imagem e semelhança de deus e de mim” é, assim, apartado, reduzido, transformado em abjeção. Menorizado. É um resto, uma sobra da degradação que sua existência causa, uma vez que ela deteriora por si só, sem ser necessário anúncio explícito ou revolta, a própria ineficácia da

²² Mesmo as experiências de ensino remoto ou à distância anteriores à pandemia de covid-19 e comuns em cursos de nível superior, previam alguma participação presencial, o que não pode acontecer entre o ano de 2020 e 2021.

Moral em não dar conta ao que se propõe: subjetivar sujeitos conforme suas regras. Quem não se assujeita, fica de fora da categoria “sujeito”, um sujeito essencialmente “humano”.

Viado, sapatona, bixa, machorra, bambi serão expressões utilizadas para desumanizar experiências de dessubjetivação, jogando-as em um território da **animalidade**. Ou ainda, das **coisas**, onde o *traveco*, por exemplo, será um termo pejorativo – o sufixo *eco* utilizado para indicar algo “menor”, reduzido a uma “coisa”, sempre antecedido pelo pronome masculino, para reforçar a ligação entre “sexo biológico” [visto como natural] com “gênero” [posto como artificial]. O *eco*, poderia ser pensado aqui, em aliança a transversalidade guattariana, como uma ECOLógica TRANSversal.²³

Diz-se que são esses – dentre outros – “sujeitos” sem direitos, embora a própria categoria “sujeito” não nos sirva, ao menos não no que estamos propondo como uma política de multiplicidade. Pois todo e qualquer ser “não recomendado à sociedade”, como na música de Caio Prado, fere o que se chama de uma Moral dos Bons Costumes, perigando influenciar mais pessoas. Mas uma política de multiplicidade ancora-se em uma ética, no contraponto a uma moral. Pergunto-me: que sociedade é esta de que tanto se diz, com a força de uma verdade inabalável? Certamente não a de comunidades gays, lésbicas, trans, ribeirinhas, quilombolas, indígenas, populações não-brancas... Matilhas que não cessam de correr por “fora”, perturbando e atrapalhando a ordem global hegemônica, ao tempo em que propõem o tempo todo outras formas de conteúdo e de expressão [DELEUZE; GUATTARI; 1997]

O isolamento social, medida que afetou largamente as populações mundiais na pandemia de covid-19, já é realidade aos corpos dissidentes nas normas de gênero e sexuais, como colocou Linn da Quebrada [2020], em entrevista recente:²⁴ “fomos afastadas do meio

²³ Elaboro a ideia de uma moda e um mundo sustentável, em que as diferenças sejam sustentadas e respeitadas, sobretudo as vidas trans-negras, no artigo “Estética queer: entre o apagamento e o empoderamento”. Acesso em: [Fórum Fashion Revolution Brasil E-book 2020](#)

²⁴ Para conferir entrevista completa, acesso em: [uol.com.br](#) [segure a tecla ctrl com o mouse sob o link, clique no link e você será direcionado ao site].

social, fomos afastadas da escola, do mercado de trabalho e até mesmo das nossas famílias” Isolar é estratégia antiga para descrever [e escrever] um mundo a partir do “livro-aparelho de Estado”. Precisamos, contrariamente, escrever outro mundo a partir de um livro-**máquina de guerra**, para utilizar das expressões de Deleuze e Guattari [1995]. Erguer bandeiras a favor da vida, e não da morte. Hasteamento de bandeiras para povoamento do mundo, não para fins de dominação colonial, mecanismo violento utilizado até hoje, mesmo quando se defende a “soberania dos povos” sob uma tirania estatal. A poesia concreta de Francisco Mallmann parece propor algo nesse caminho, com a confecção de avisos, notas, recados.²⁵



²⁵Material público do artista retirado da sua rede social Instagram.

Abril de 2021. O chamado ensino híbrido passa a ser adotado, pouco a pouco, em diversas escolas brasileiras, depois de um pouco mais de um ano de estudos domiciliares. Assim, alunos puderam passar a frequentar presencialmente a escola. Voltamos a ver corpos inteiros – e inteiros que digo é – com toda a potência de: ligar, afastar, crescer, diminuir, movimentar, conectar, destruir. Embora sob o risco de contágio de um vírus altamente mortal, cenário que nos traz inúmeros medos e angústias, além de um cuidado muito maior, sobretudo no que diz respeito à proximidade dos corpos.

Com isso, tenho conhecido novos habitantes escolares. Não completamente novos, como se não existissem antes desse *hibridismo* no ensino. Muitos deles, na verdade, já eram híbridos antes mesmo da proliferação mundial do *sars-cov-2*. Uma geração de seres apelidada negativamente de “promíscua” pela **mistura** desordenada que causa ao relacionar elementos heterogêneos historicamente separados uns dos outros. Seres envoltos em uma miscelânea de relações comumente vista como caótica por possuir formas de organização diversas. No alfabeto etário, é a geração Z, aquela que parece ter vindo romper com o Sistema XY responsável pela determinação do sexo. Mas não quero taxá-los assim ou assado, correndo o risco de uma classificação rígida.

Desconfio que nós todes, todo e qualquer ser, é promiscuamente misturado, filhos e filhas de cruzamentos intra, inter e extra espécies, sem origem exata nem fundamento primordial, a não ser de uma multiplicidade aterrorizante. Inventamos identidades muito por conta disso: é necessário capturar e estabilizar forças, fechando-as em um sistema de “equilíbrio” psicológico, social, cultural [BUTLER, 2001]. Enquanto algumas existências têm sido construídas por “fundamentos”, quer dizer, bases consideradas “legítimas”, uma vez que atendem a determinadas expectativas humanas, os seres que escapam são considerados “ilegítimos, infundados” [LAPOUJADE, 2017]. Mas as identidades também subvertem, pensemos junto de Butler. Desde baixo, das bases, dos seus “fundamentos”, as identidades se desfazem e se recriam, surgindo assim, novas configurações, figurações, figurinos, F I G U R A S disformes, quer dizer, fora do padrão estabelecido.

Julho de 2021. Projeto sobre desigualdade de gênero. Depois de um período de pesquisas que envolviam conhecer o processo de construção social do machismo e a história dos movimentos feministas, propomos aos alunos a construção coletiva de um documentário, e após, individualmente, a escrita biográfica de uma mulher importante em suas vidas. Poderiam ser mulheres empreendedoras, cientistas, com um trabalho de destaque em outra área, mas que de algum modo rondasse suas realidades locais.

Uma das biografias nos chamou a atenção. Estava organizada em duas seções: na primeira, a história triste sobre uma mãe, marcada por muitas violências de gênero. Na segunda seção, a história de uma menina, sua infância e adolescência, seus medos, traumas, fraturas físicas e emocionais. Mas quem seria essa menina? Por que sua história estava sendo contada? E por que duas biografias? De cara, estranhamos o formato da entrega.

Tratava-se, pois, de uma autobiografia. Tratava-se dela, agora sim, no feminino. De uma aluna. Ainda vista [por nós e boa parte do coletivo], cunhada, nomeada, no masculino. Uma boa parte de sua história já havia sido vivida, na infância e início da adolescência como **criança viada**. Ou, como no *internetês* – espécie de linguagem ou “dialeto” do mundo virtual – *crianç@ viad_*²⁶. Em sua trajetória, o uso de brinquedos tanto “masculinos” como “femininos”, a performance feminina em um corpo do qual se espera uma virilidade masculina, a tonalidade da voz, e a forma de caminhar foram gestos que a colocaram nesse lugar. Traços desviantes que logo acionaram tecnologias sociais de controle para corrigi-los. Fale grosso! Seja macho! Ande direito! Fale como homem!

Outra parte da história estava sendo inventada ali, em uma escrita quase confessional, mas não no modo religioso moral, coercitivo. Mais, talvez, como um cuidado de si, como investigou Foucault nas práticas gregas anteriores a dominação religiosa cristã

²⁶ O uso de números em certas palavras, bem como de signos e outros recursos gráficos linguísticos é estratégico em redes sociais como Twitter, Instagram e Facebook, ambientes importantes na subjetivação de jovens e adolescentes. Isso porque algumas palavras são impedidas, apagadas ou denunciadas por outros usuários pelo seu “teor”. São termos considerados ofensivos e inapropriados por determinada perspectiva.

[1985]. Construção de um saber sobre si próprio inventivo, e por se tratar de invenção, e não mera representação ou ilustração de si, um trabalho exaustivo. “A garota encontrou o seu lugar no mundo como alguém *trans*, mas alívio não é sinônimo de paz”, escreveu ela em terceira pessoa do singular.

Venho acompanhando-a com atenção e cuidado seu percurso de travessia, transição.²⁷ Nos registros escolares, ainda é oficialmente tratada no masculino. Possui, neste momento, dois nomes, que configuram duas realidades: para algumas poucas colegas e amigas, é ela. Já para a família, e meninos da turma em geral, é ele. Variância entre masculino e feminino que gera situações curiosas, por exemplo, quando flexionamos o gênero com desinência “a” ou “o”.

Seu processo de construção de si envolve algumas mudanças performáticas, através das roupas, dos filtros utilizados em redes sociais, de símbolos do movimento LGBTQIA+, como as cores da bandeira estampadas em imagens, mudanças de proximidade e afastamento entre colegas. “Descobri a saturação das fotos e comecei a brincar com isso para ficar com a boca mais vermelha” – ela me conta. Seus cabelos estão crescendo, as unhas estão ficando maiores, parecem garras, como quem diz

tiene que ver con la fúria.²⁸

²⁷ Nesta escola em que atuo, existem momentos mensais de escuta e conversa sobre “projetos de vida” de alunes; os professores de referência nesse acompanhamento são escolhidos pelos próprios alunes.

²⁸ Frase em uma das obras-bandeiras do artista Francisco Mallmann. Ver mais em: ruidomanifesto.org

Após um ano de reclusão e isolamento mais intenso por conta da pandemia, a construção de sua pessoa, de si mesma, tem passado prioritariamente pelo espaço da escola. Parece ter retornado às aulas presenciais como uma fera, disposta ao enfrentamento após anos [não somente os referentes à pandemia] de sujeição a um universo de signos que não lhe interessa. Ela tem ensaiado seu “bote” como quem deseja atacar uma presa. Esse ataque tem, no momento, passado pela instauração de um nome.

“Eu queria muito ter uma história bonitinha sobre meu nome para te contar, mas na verdade, foi o seguinte...”

Sua inspiração vem de um dos contos de fadas mais antigos e populares que temos conhecimento. A Bela e a Fera. A relação com esse [com]texto fantástico, portanto, ficcional, diz muito de sua “história real” – que só podemos pensar como real, pois “sua instauração é invenção, e cada modo preliminar, perfeitamente real e existente em si”. [...] “ A obra final é sempre, até certo ponto, uma novidade, uma descoberta, uma surpresa” [SOURIAU, 2020, p. 47] Invenção feita autônoma e coletivamente, junto e singularmente, em momentos de solidão, em outros de agrupamento, bando.

Nas trajetórias de corpos dissidentes, como as de pessoas negras e LGBTQIA+, a constituição de **espaços seguros** em que se pode exercer com maior liberdade e segurança suas práticas e saberes se deu por “fora” de marcos regulatórios oficiais, em situações-limítrofes, em territórios marginais. Em recente artigo, Anderson Ferrari e Luiz Mazzei [2020] trabalharam a ideia de espaços seguros e resistência para as homossexualidades a partir das importantes contribuições da teórica feminista Patrícia Hill Collins, que pensou este tema voltado às mulheres negras. Para elas, a música, a escrita e as relações de amizades ou família foram essenciais para resistir e permanecer vivas. Para a comunidade queer, pensando na multiplicidade de experiências e corpos para além dos homossexuais, foram decisivos espaços tais quais os *balls*, famosos bailes que servem para diversão, trabalho e construção de famílias sem vínculo consanguíneo, uma vez que é comum a expulsão de filhos pelas famílias de sangue.

E a escola, constitui-se como um lugar seguro para a diferenças – sobretudo as mais aberrantes, monstruosas, contraditórias e contestadoras? Como a escola lida com a **presença de feras** percorrendo seu espaço? Que lugar ocupar quando seu modo de existência é contestado?

“Não consigo imaginar eu me assumindo na outra escola [do Ensino Fundamental]. Lá, só uma amiga sabe da minha [bi]sexualidade e me trata no feminino como _____. Lá, eu era zoadada. Aqui, os zoados são os *héteros-top*²⁹. Na antiga escola, ser gay era ofensa. Aqui, ser hétero é *meme*. A _____ [atual colega de aula] disse que se souber de alguma coisa que estejam falando de mim, vai bater na pessoa”.

2021. Início de ano letivo. Ensino remoto. Chegada de novos seres na escola. Muites ocupando uma zona da transexualidade, uma transexualidade não-binária, sem aderência “total” a um gênero. Pelo contexto de distanciamento social, passamos a conhecer alunes antes por seus modos de escrita nos *chats* do que pelos seus movimentos físicos, *cara a cara, corpo a corpo*. Ao perceber o uso recorrente de pronomes neutros nas conversas informais, passo a usá-lo em alguns momentos, inclusive em escritas “oficiais”. Humanos, Humanas e *Humanes*, brinco com a turma em uma aula sobre diversidade, em que são tratadas questões como territórios indígenas e desigualdade étnico-racial no Brasil.

²⁹ Expressão para designar um “tipo” específico de heterossexualidade. Neste caso, trata-se daquela considerada padrão, normativa, ou seja, estamos falando de uma heteronormatividade. Ela se expressa e é identificada por alguns signos e performances característicos, constituindo uma estética própria. Um exemplo atual pode ser encontrado na vestimenta da qual tornou-se *meme* em redes sociais: o sapatênis, acompanhado de um calção e camisa e a própria expressão “top” utilizada para designar esse grupo, majoritariamente masculino.

OKUPA
TUDO

OKUPA

Segundo Butler [2001], tanto gênero como sexo se colocam a partir de uma gramática imposta por um “aparato regulatório da heterossexualidade” [p. 166] que, repetida e reiterada continuamente, materializa violências discursivas sobre si e sobre o “Outro”. Mas antes disso, ou junto disso, temos o problema da própria linguagem que se configura violenta, pois a própria imposição do gênero é uma das primeiras violências que sofremos. O nome que nos é dado/imposto é o que nos confere reconhecimento enquanto alguém humanamente inteligível. Ser reconhecido gera respeito. A construção de identidades opera por essa “segurança ontológica do sujeito”, digamos assim.

Embebido de minhas atuações docentes lá-cá-outro-e-em-devir, penso em uma *escola incomum* em que não há só humanidades, mas também não-humanidades, animalidades, cyborgues e outras forças que podem, inclusive, habitar um mesmo corpo. Preciado [2019] tem defendido que o feminismo não é um humanismo: “o humanismo inventou um outro corpo que chamou humano: um corpo soberano, branco, heterossexual, saudável, seminal. Um corpo estratificado, pleno de órgãos e de capital” [...] já o animalismo, ele defende, “é um benefício total de tipo não agonístico. Uma cooperação fotossintética. Um gozo molecular. O animalismo é o vento que sopra. É o caminho através do qual o espírito da floresta de átomos ainda alcança os seres que voam.”

“Os humanos, encarnações mascaradas da floresta,
deverão se desmascarar do humano e se mascarar novamente
do **saber das abelhas.**”

[PRECIADO, 2019, p. 127]

Como pensar “uma” escola e não “a” escola? Um espaço **plurimodal**, nos termos de Souriau [2020], sem artigos definidos. Como sustentar essa escola de artigo indefinido? Pensar na multiplicidade deleuze-guattariana [também preciadiana, butleriana, restográfica...] ou simplesmente na multiplicidade dos encontros que se estabelecem, talvez nos ajude a pensar nessa questão com a complexidade que ela exige. Não é fácil, e talvez até indesejável em muitos momentos, encontrar um rosto, e por conseguinte, um nome, uma identidade. Já em outros momentos, é preciso aliar-se ao que existe de mais molar, com vistas à própria sobrevivência.

É uma questão de direito,
mas é mais do que nunca a questão da arte:
através de que “gestos” instauradores
as existências conseguem se “colocar” legitimamente?

[LAPOUJADE, 2017, p. 25]

ESCOLA:

território de muitos povos

povoada por

bichos

bichas

baixos

bios

lugar de não-lugares

lugar de entres

zonas quentes

para

m u l t i p l i c a r - s e

III. um pirata

バルトロメオ

Ele é alto, muito alto. Dois metros e vinte centímetros de altura. Tatuado, musculoso. Veste-se com correntes, argolas, e anda armado. Usa botas. Tem dentes pontudos e piercings. O cabelo é verde-claro. O rosto, não vou mentir, tem uma expressão um tanto assustadora. É irritante, e zomba das pessoas. Quando o provocam, fica bravo. Por vezes, ao reagir, acaba não falando absolutamente nada, só mexendo algumas linhas faciais, ou fazendo cara de *what the fuck?* Não completa frases. Frases todinhas incompletas, incompletíssimas. É irônico. Quando questionado, responde com outra pergunta. Usa *memes* que poucos entendem. Interage pouco. Bom, ao menos socialmente falando. Mostra-se bravo aos outros. Fechado em sua crueza cruel. Mas é capaz de expor os sentimentos mais bregas e íntimos.

Ele tem muitas batalhas a serem travadas. Sua vida tem sido dura, incerta. Para isso, tem usado de alguns bloqueios para defender-se dos inimigos. Muitos ele já derrotou. Outros tantos ainda o fará. Mas para quem já foi chefe de máfia, talvez ele se saia bem! Ele pode ser muito gentil com algumas garotas. E garotos. Ele é infame! Zoeiro. Zomba dos outros. “Janta” os reacionários. Os corsários. E os colonizadores ridículos. Espécie de canibalismo. Parece, aí, ganhar mais poder. Tem andado pelas beiras em busca de povoar algum bom local. Para isso, tem vagado entre diferentes ilhas do continente. No caminho, tem roubado grandes tripulações e se apropriado delas indevidamente. Sua potência vem desse piratear mundos. Sim, conto-lhes de um pirata. Destemido e cheio de medos. Forte e sensível como manteiga derretida. Rude e fofo. Aplicado em sua indisciplina.

Contudo, uma questão importante tem permeado seus trajetos. O uso excessivo de interrogações em meios tanto *reais* como *virtuais*, é coerente com seu momento. Como devem chamá-lo? Seu nome, seu reconhecimento perante a quem deve respeitá-lo. De que forma o bando deve interrogá-lo? Afinal, ele exerce uma função essencial no mundo: hackear informações preciosas. Precisamos dele! Por um lado, tem pensado em um novo nome estratégico [curto, breve, de fácil pronúncia], por outro lado, existe a possibilidade de um novo nome atrapalhar seriamente suas navegações continente a dentro [pois é grande, deveras desconhecido, e usa de referências restritas].

Ano de 2021. Diálogos misturados, tempos sobrepostos:

Eu não tenho certeza. Sou um indivíduo sem nome.

Que bom que você falou hoje na aula.

Eu tava desesperado.

Posso te chamar de _____ ou de _____?

Pode! [emocionado]

Gostei do nome, não me soa humano.

Eu não sou gente, eu sou alguma coisa aí...

A carta que te escrevi chegou?

Sim, te convido a 5min de porrada franca.

Uai! Que agressividade é esta?

Não é assim que se resolve o choro?

Desculpa pela carta ter chegado sem envelope.

Isso é coisa de viado! Fico **boiolinha** com essas coisas.

A expressão “boiola” ou “boiolinha”, no diminutivo, tem ganhado um sentido positivo em alguns círculos de jovens e adolescentes, principalmente em redes sociais, mas também se percebe nos discursos de sala de aula. Seu sentido parece girar em torno da ideia de “fofo”, “carinhoso”, “encabulado”, contrário à como historicamente tem sido pregado este termo, quer seja, de ofensa, xingamento, inferiorização. Ao tratar das homossexualidades no espaço escolar, Ferrari [2003] tem demonstrado como a construção de identidades, a relação entre diferenças e o ato de discriminação passam pela linguagem. Nesse sentido, a escola, ao tempo em que reproduz, também produz discursos.

queride _____, queride _____ eu ainda, queride ser de um mundo todo ainda por ser inventado

quando te conheci, no início de ano passado, antes deste terrível e mortífero país-mundo dominado por um vírus, já te conheci, assim: quieto, calado, voz baixa, mas não sem riso fácil e bobo — e aí, voz mais elevada, presente, estridente. de lá para cá, tantas coisas aconteceram e talvez muitas delas eu não pude acompanhar, não de perto, ao menos — a distância, ou melhor, o distanciamento social, não permitiu, mas permitiu que estivéssemos **vivos** e isso é tudo!

estar vivo é uma loucura porque existe o tempo todo algo impedindo que você se mantenha, justamente, vivo — são forças que, contrariamente, pulsam a morte. não se sentir vivo pode ser uma das formas de morrer ainda em vida. viver é conflito, embora seja péssimo vivermos em conflito o tempo todo. precisamos lutar contra uma série de coisas, gentes, seres, forças, contextos... mas podemos também lutar **com** uma série de coisas, gentes...

tu tem inventado instrumentos poderosos para permanecer vivo. a permanência em vida inclui trabalhar com as **impermanências** da vida. manter-se vivo inclui não manter mais vivo aquilo que nos impede à vida: ordens arbitrárias, regras sem sentido, padrões violentos.

de algum modo, continuamos tal qual o homem da caverna, com sua arte rupestre, desenhando em rochas para nos comunicarmos, para falarmos, para existirmos. teu quarto é prova disso, paredes desenhadas com códigos para

decifrar [isso eu pude acompanhar, mesmo que de longe]. por outro lado, tu é uma espécie moderna, atualíssima, atualizada, em modo: se fazende...

e se fazer não é mere teatro ou encenação, não! se fazer é trabalho árduo, difícil, que dura uma vida toda — e uma vida toda é bastante tempo! por isso, esse é um trabalho praticamente diário, ainda mais àquelas que não são vistas como existência legítima nesse mundo. quando se faz cena — faz-se para acenar algum tipo de ajuda. lembra do dia que li souciau [aquele filósofo] " não-ser não é a privação de existência, mas é o ser-de-outro-modo", estava com o livro ao meu lado, li exatamente na página dezesseis, tu pediu para eu falar português, e quando eu expliquei — em português — e você entendeu e ao entender disse que passaria os próximos três meses pensando " tudo de novo" pois " ser, eu já estava quase lá, na resposta" e eu devolvi com um " e existe uma resposta pra isso?" [sé que a aula estava acabando e, me fui....]

existe, realmente, uma resposta definitiva, cabal? In **se fazende** não pode ser uma resposta possível para o mundo que tu tá inventando, desde um desenho no quarto até um nome próprio recém-criado, com outro prenome, com outra existência?

prof thainam, 30 de agosto de 2021

Essa foi a carta que enviei a um alune que tem passado pela transição de gênero desde o final do ano passado [2020]. No início deste ano letivo [2021], quando estávamos apenas em ensino remoto, realizei uma vídeo-chamada com ele. Seu desenvolvimento escolar nos preocupava, mas suas questões existenciais nos chamavam ainda mais atenção. Suas ausências gritavam, e precisávamos ouvi-las. Precisávamos ouvi-lo.

“Quero passar a ser chamado no masculino, de preferência.”

Esse era seu desejo maior [ou seria menor?], expresso também na autodescrição na plataforma de ensino. Como se diz nas redes sociais, a *bio* [que vem de biografia], é um espaço pequeno para se apresentar a partir de algum elemento essencial de sua vida. “Ele ou elu”, acompanhado de um *emoji* que expressa raiva, está escrito em sua *bio*, uma espécie de aviso prévio em relação aos pronomes de tratamento que deve-se utilizar.

Perguntei-lhe como a relação com a família e amigos, incluindo colegas de escola, se estabeleciam a partir desta “virada existencial”, por assim dizer. Poucos, à época, estavam a par do contexto. Naquele momento, eu passava a ser o primeiro professor a participar desta partilha, que eu entendi como uma *saída do armário*.

“Não vou sair do armário mais uma vez.” – disse, relutante.

O alune já havia passado por uma transição anterior por conta de sua sexualidade. Portanto, família e amigos já o localizavam em um terreno-menor, o da pansexualidade.³⁰ Embora ele tenha dito que a sexualidade do personagem que tem construído é “não-confirmado”, em suas palavras. “Ninguém sabe se o _____ é *viado* ou não”, diz em tom misterioso. A partir de um personagem-

³⁰ Ainda pouco [re]conhecida, a pansexualidade não integra, normalmente, a sigla LGBTQIA+, mas sua expressão caracteriza-se pela atração sexual a pessoas, independentemente de seu gênero, daí o uso do sufixo “pan” = todos ou todes.

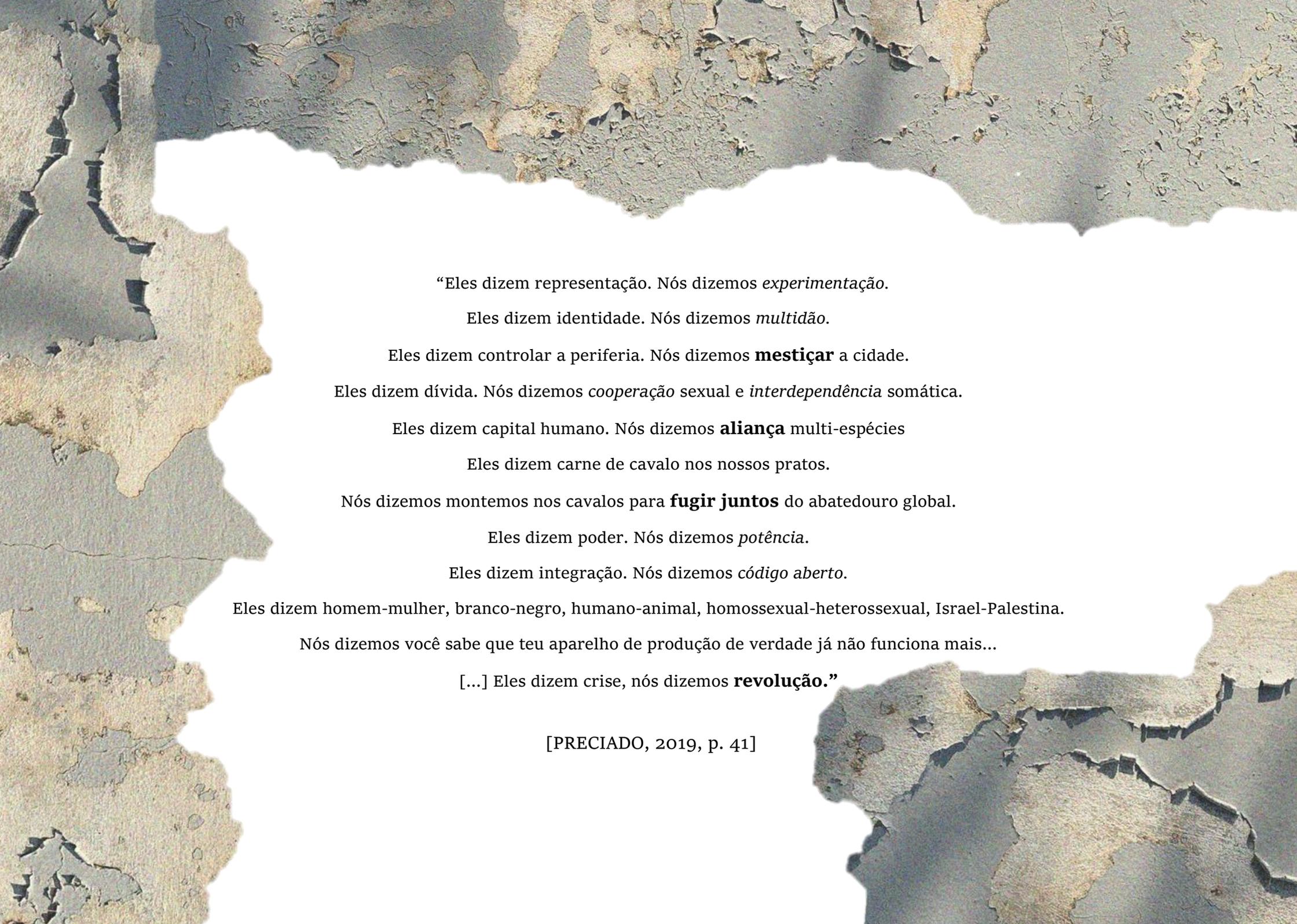
pirata de *anime* [desenho animado japonês], ele tem fabulado a si mesmo. Em relação ao gênero, sua “posição” ou “postura” vem sendo construída sem a pretensão de aderir substancialmente a um lado ou outro do jogo binário, quer dizer, feminino ou masculino. Pelo contrário, a ideia de “não-binariedade” como vem se posicionando, com uso da linguagem neutra nos diálogos, busca quebrar a lógica vigente. Um xamã, um livro de Marx e amigos envolvidos, tudo isso em um sonho: assim Paul Preciado instaurou seu nome no mundo, ao fazer a transição de gênero³¹. O processo de que tenho chamado de com-fabulação, nesse caso, o fabular do próprio nome, pronome, persona, o próprio ser-no-mundo é, para ele, muito mais do que um ato político. Ser renomeado, chamado por um novo nome “foi uma revolução poética.”

O alune-pirata ainda não tem um nome “definido” para si. “Ainda não cheguei lá”, ele comenta. Tento acompanhá-lo com cuidado neste processo, o que inclui provocações. Por ora, tenho variado o tratamento entre _____ [forma abreviada] e _____ [forma longa]. Do ponto de vista confabulatório, é estar junto nesta ficcionalização, criação de si que também é a estetização de uma existência; incitar à vida, em suas precárias e breves passagens. Do ponto de vista “Escolarizatório”, os conflitos são outros: é preciso decidir, com o aval da família, qual a identidade, afinal de contas, será oficializada.

“a **precariedade** e a **brevidade** de certas existências,
produzem facilmente a ilusão de uma existência fraca,
ao passo que se concede, fácil mas erroneamente,
um nível superior a existências longas e estáveis”

[SOURIAU, 2020, p. 44]

³¹ Acesso em: [Paul B. Preciado: “Um dia veremos atribuir o sexo à nascença como brutal”](#).



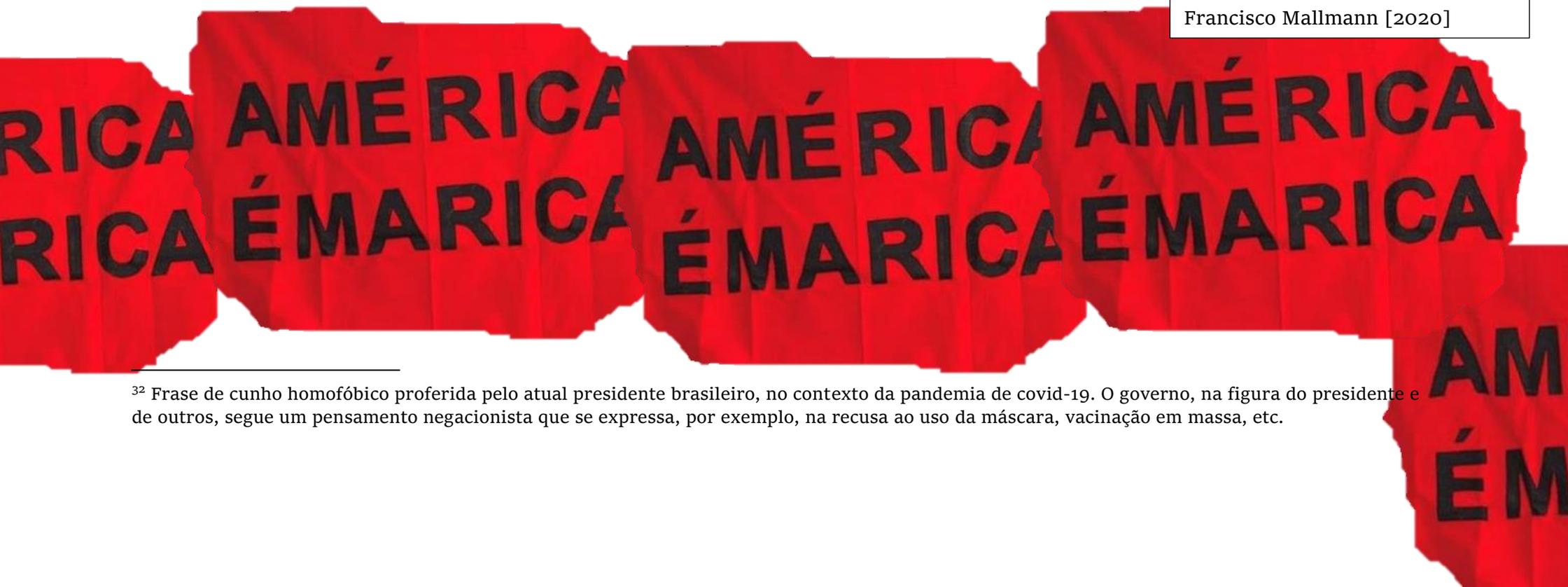
“Eles dizem representação. Nós dizemos *experimentação*.
Eles dizem identidade. Nós dizemos *multidão*.
Eles dizem controlar a periferia. Nós dizemos **mestiçar** a cidade.
Eles dizem dívida. Nós dizemos *cooperação sexual e interdependência* somática.
Eles dizem capital humano. Nós dizemos **aliança** multi-espécies
Eles dizem carne de cavalo nos nossos pratos.
Nós dizemos montemos nos cavalos para **fugir juntos** do abatedouro global.
Eles dizem poder. Nós dizemos *potência*.
Eles dizem integração. Nós dizemos *código aberto*.
Eles dizem homem-mulher, branco-negro, humano-animal, homossexual-heterossexual, Israel-Palestina.
Nós dizemos você sabe que teu aparelho de produção de verdade já não funciona mais...
[...] Eles dizem crise, nós dizemos **revolução.**”

[PRECIADO, 2019, p. 41]

Outubro de 2021. Ensino híbrido. Aula sobre rotas culturais. Cada grupo de alunos teve como tarefa, a partir de um continente escolhido, estudar um país, sua cultura, economia, língua, geografia. No quadro da sala, alguns alunos desenhavam representações relativas àquele território. O desenho de uma pizza para identificar a Itália, pirâmides para identificar o Egito, cangurus para identificar a Austrália. E assim com outros lugares. Questiono-os a respeito destes traços representativos, seus estereótipos, “verdades” e “mentiras” que povoam nosso imaginário. Mas do outro lado do quadro, algo me chamou mais a atenção. Disputa de um território-menor. Alunos desenhavam a própria turma, seus integrantes, características, sua “geografia”, como se fossem eles mesmos moradores de um país próprio. No meio de uma estrada, uma placa de PARE. Abaixo do PARE, uma intervenção: “de ser boiola”. Acima do PARE outra intervenção: NÃO. Pare de ser boiola, ou não pare de ser boiola? Parecia haver ali uma disputa de sentidos.

“tem que deixar de ser um país de maricas”³²

Fragmento de bandeira do artista
Francisco Mallmann [2020]



³² Frase de cunho homofóbico proferida pelo atual presidente brasileiro, no contexto da pandemia de covid-19. O governo, na figura do presidente e de outros, segue um pensamento negacionista que se expressa, por exemplo, na recusa ao uso da máscara, vacinação em massa, etc.

o mar quebrando nas rochas;
o sol tentando se abrir entre nuvens carregadas;
uma orquídea que cresce sob uma árvore, adaptando-se e alterando a si e o ambiente;
a tinta escorrendo sob a parede, logo secará, logo se fixará;
um corpo crescendo em torno de outro;
e até a quantidade nojenta de pequenos organismos comendo o que restou do bicho já morto;
a vida é a luta por alguma **realidade**.

é conflito, embate, e **aliança** para tornar-se mais forte, mais real.

a luta do vegetal com[tra] as pragas que lhe invadem;
o árduo trabalho de um formigueiro inteiro contra o ataque maior de um fungo,
ou até um formigueiro todo dividido afim de sobreviver;
a **resistência** do eucalipto ante o desfolhamento das formigas;
a madeira sendo carcomida pelos cupins;
o humano que se entoca para se proteger de um vírus altamente contagioso.

uma escola in **COMUM**



na margem do caderno
lembretes esquecidos
nas margens de um rio
entradas-saídas íngremes, passagens secretas
à margem do texto, notas
inotáveis [de dia] e escancaradas [à noite]
às margens da sociedade
toda uma outra sociedade?
estranho sonhar com laços e acordar com tesouras.
não sei por que diminuir [a tal ponto de fazer sumir]

linhas que sustentam

linhas que contornam

linhas que rondam

[e não sei se param]

talvez por isso *marginália*³³ é reino proibido

ou rebaixado a nota de rodapé

neste momento isso não importa, disseram-me

neste momento isso importa, digo-lhes de volta.

³³ Na canção “Tropicália II”, Gilberto Gil canta acerca do Brasil: “aqui é o fim do mundo, aqui é o fim do mundo”.



Em uma escola acontecem muitos encontros, entre múltiplos personagens, que fazem do escolar, um espaço multitudinal, composto por uma multidão de corpos que se misturam, fazem multiplicar. Contagiam-se. Contaminam-se. Espalham-se. Proliferam-se. Criam-se. Hibridizam-se. [NEGRI, 2004]. Humanos e não-humanos, organismos celulares e ciborgues, palavras e conceitos, máquinas e robôs, vírus e bactérias. Multidões que fazem a transformação de uma forma-dada, natural-izada. Deixar de ser e *passar-a-ser*. Somente *passar-a-*. Devir.

Incomum é uma escola que tenho inventado constantemente a partir dos diferentes trânsitos docentes. Ao inventá-la, não faço dela uma escola irreal. Do contrário, sua potência vem justamente da sua confecção constante, deste método inventivo que tem por base a *transgressão metodológica*, sem as exigências de purificação e de rigor asséptico que distinguem e separam o fazer e o dizer [PASSOS; BARROS; 2009].

“Há toda uma política dos **devires**-animais, como uma política da feitiçaria:

esta política se elabora em **agenciamentos** que

não são nem os da família, nem os da religião, nem os do Estado.

Eles exprimiriam antes grupos **minoritários**, ou oprimidos, ou proibidos, ou **revoltados**,

ou sempre na **borda** das instituições reconhecidas,

mais secretos ainda por serem extrínsecos, em suma, anômicos”.

[DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.25]

Para falar de educação é preciso falar dos encontros. Quando retoma Sartre, Gallo [2018] recoloca a questão do Outro como um dos “problemas” da educação. Um Outro que fala também de Si. Multipli/SI/dade pela qual temos de aprender a lidar, a conviver e não apenas tolerar. Nesse sentido, quando pensa com Rancière e Deleuze, em uma “política da diferença” ou “política do Outro”, Gallo dirá que “educar significa lançar convites aos outros” [2018, p. 15] – pensamento que me acompanha e que retomo sempre que forças micro fascistas de controle e determinação do Outro pairam sob a atuação docente.

O encontro com o Outro é sempre de uma força descomunal, pois se desenha a partir da diferença, ou de diferenças em jogo, mas que pode produzir comuns, pertenças comunais. Quando se busca determinar o Outro, fixando-o em uma identidade, seja ela mais conservadora ou até mesmo considerada progressista, o caminho do encontro torna-se mais truncado. A questão das “identidades” tem se mostrado cada vez mais como um paradoxo, pois se de um lado ela é importante para a conquista de direitos e implementação de políticas públicas, ela também pode ser uma armadilha que impede o diálogo, a troca, o encontro.

2019. Início do segundo semestre. Cursinho pré-vestibular popular. Roda de apresentação de professores e alunes. Não bem uma roda, já que desconfigurada, dada a quantidade de pessoas presentes em uma sala apertada, improvisada de última hora. Na apresentação de todes, solicitamos que além de identificações como nome e idade, também fosse verbalizada a identidade de gênero e sexualidade, parte de um exercício diário de visibilização de outros marcadores sociais, em grande medida, não lembrados ou marcados negativamente.

Sou cis e lésbica.

Sou uma mulher cis heterossexual.

Cis e gay. Pode me chamar no masculino!

Sou um homem trans bissexual.

Homem cis e gay.

Sou uma bicha preta. Pronome feminino ou masculino.

Estou heterossexual.

Até onde sei, sou uma mulher cis.

Sou travesti. Pronome ela.

Sou um homem trans não-binário.

Cis e pansexual.

Mulher sapatona.

Sou cis e hétero, mas sou aliada, tá? [risos]

Me identifico enquanto cis e bi.

Mulher cis e assexual. Pronome ela.

Sou não-binário. Pronome neutro, de preferência.

Sou um homem hétero aliado da causa.

Sou cis e homossexual.

Gay afeminado.

Sou uma mulher trans lésbica.

Travesti belíssima e afrontosa.

Por enquanto, estou me descobrindo.

Sou uma pessoa não-binária.

Sou transexual e heterossexual.

Bissexual não-monogâmica.

Sou cis-aliado.

Sou uma travesti preta.

Agênero e Gay. Pronome neutro.

Sou uma pessoa cis, com sexualidade fluida.

Não sei o que eu sou. [risos]

Essas, dentre outras, são algumas das identidades de gênero e sexualidade suscitadas e reivindicadas em um Coletivo pela Educação Popular voltado à população LGBTQIA+ de baixa renda, em que atuei, de 2018 até 2020 como professor, inicialmente, e depois como parte da Coordenação. Elas podem nos dizer muitas coisas, mas quero chamar a atenção para a multiplicidade de vozes contidas dentro de uma mesma **comunidade**, que podemos pensar como comunidade LGBTQI+, bem como comunidade escolar. Contidas, aliás, pode ter dois sentidos aqui: daquilo que existe, habita e faz corpo, mas também como aquilo que é reprimido, não-manifesto.

Nesse sentido, o Coletivo atua como um espaço seguro para a expressão e desenvolvimento educacional a todos aqueles corpos que escapam, fogem da norma; corpos que, ao desnaturalizarem um “ser mulher”, “ser homem” ou até mesmo um “ser gay” tomado como essências de uma natureza, estão subvertendo o que Butler [2003] chama da **heteronormatividade**, mas podemos pensar em uma cis-hetero-branco-normatividade. Esse processo não ocorre somente “contrapoderes majoritários externos”, se assim pudermos pensar, mas “de dentro para dentro”.

Apesar de, no inglês, o termo *gay* significar, a priori, qualquer sujeito não-heterossexual, ele pode demarcar uma identidade totalizadora ao se referir a **dissidências** de uma matriz cis-heteronormativa. Ao invés disso, na língua anglófona, o termo *queer* significará o estranho fora das caixas. Preciado [2016] toma o termo *multitude queer* como modo de pensar em uma alternativa para nomear tais grupos dissidentes, no sentido de preservar a multiplicidade e a diferença contida neles.

Nesse sentido, é preciso marcar o apagamento gerado pela identidade *gay*, uma vez que não se reconhece a multiplicidade existente em um grupo maior: corpos trans, transformistas, cross-dressers, drag queens, drag kings³⁴, sapatões, bichas, fetichistas, e uma **infinidade** de tantos outros que nos levariam a terminar com um “envergonhado etc”, como salienta Butler [2003, p. 206].

Assim como as identidades “listadas” a partir de uma aula, não há como dimensionar ou enumerar a quantidade de **forças múltiplas** que se multiplicam dentro do que às vezes se vê como Único enquanto total, não enquanto singular. Como se pudéssemos chegar a uma “soma das partes” = o total. Como se chegássemos a um consenso = senso comum. Pensemos, diferentemente, no incomum!

“não existe um mundo comum do qual cada um se apropria
para fazer dele o “seu” mundo, mas o **inverso**” [...]

Em vez de um mundo comum, há uma multiplicidade de maneiras ou de gestos:
maneiras de percebê-lo, de se apropriar dele, de explorar suas potencialidades.”

[LAPOUJADE, 2017, p. 57]

³⁴ Menos conhecidos, os drag kings produzem performances atreladas ao universo do “masculino”, com referências aos signos sexopolíticos tidos historicamente a um “ser homem”. A respeito disto, ver mais do trabalho da artista-performer drag king, Julha Franz.

partir da união de um grupo de pessoas autônomas e plurais, sobretudo
LGBTs, unidos pelo ímpeto de proporcionar formação educacional à pessoa
trans (mulheres e homens trans, mulheres travestis e trans não-binárias
sendo LGB inclusivo). Esse objetivo surgiu a partir da preocupação em
relação ao expressivo índice de evasão escolar da população LGBT,
sobretudo Trans. Tendo em vista que o principal motivador das evasões são
as violências simbólicas, psicológicas e físicas causadas pela LGBTfobia,
decidimos por oferecer o que a maior parte das escolas tradicionais
brasileiras infelizmente não tem dado conta: um ambiente acolhedor, com
respeito e segurança para quem diverge da cis-heteronormatividade. Hoje

homoafetivos sempre existiram. Dessa mesma maneira, as divergências
em relação a regras e papéis de gênero também ocorriam em outros
momentos ao longo da história. Porém, não podemos afirmar que as
identidades LGBT sempre existiram e isso seria naturalizar e essencializar
nossos corpos e desejos, quando é necessário compreender que eles são
"produtos" de um processo sócio-histórico.

Não existia um ser gay, ser lésbica ou ser trans até a
Contemporaneidade, nem sequer essas palavras existiam. A forma como
as relações de gênero ocorrem, hoje, são muito recentes em nossa
história. Foi nos séculos XVIII e XIX que as sociedades ocidentais
passaram por uma importante transformação: a Igreja (católica) deixou de
ter o maior poder sobre as produções de saber e foi substituída pelas

M
U
L
T
I
D

Ciências (sobretudo biológicas e jurídicas). É nessa ruptura que surge a patologização das identidades hoje, concebidas como LGBT, o racismo científico e um "machismo científico", por assim dizer. Dessa forma, podemos compreender **gênero, sexo e sexualidade** como marcadores sociais que nos atravessam e nos constituem como sujeitos na contemporaneidade e que apesar de desejos e corpos plurais fazem parte da natureza e história humana, **identidades sociopolíticas e subjetivações** enquanto lésbica, gay, travesti, transgênero, transexual, pansexual, queer e toda pluralidade cabível no espectro LGBT, são

10115

Transsexuais, travestis, não-binários são outros nomes que junto ao cisgênero constituem uma sociedade e nela há espaço para todos e todas. Ambientes hostis gera pessoas hostis, não é novidade essa constatação, por isso é muito importante que esses paradigmas de gênero e sexualidade saiam do campo da moral e dos bons costumes, afinal, gênero e sexualidade são elementos inerentes à vida de todos os seres humanos, mas existem expressões de sexualidade e identidades de gênero que são consideradas, de alguma forma, mais ou menos importantes ou complexas dentro da perspectiva do discurso que fundamenta as instituições sociais, o saber biomédico e algumas teorias de ciências humanas e que, ao longo da história, também fundamenta as normas em que se estabelecem as relações sociais. Quem não se enquadra nas representações possíveis dentro desse discurso da moralidade e normalidade acaba invisibilizado ou considerado anormal.

Esse processo de invisibilidade joga certas categorias de sujeitos às margens da sociedade, ao cerceamento de direitos e na luta por políticas

2019. Escola Municipal. 5º ano do Ensino Fundamental. A Direção solicita que eu acompanhe com mais atenção, além dos alunos autistas e com outras questões colocadas como “especiais”, um novo aluno do qual, a princípio, não estaria dentro do acompanhamento da educação inclusiva. Trata-se de um aluno afeminado. Usa shorts curtos, considerados “de menina”. Tem as unhas pintadas. O cabelo um pouco mais comprido daquele considerado “de menino”, segundo uma régua de gênero/sexualidade. Seu bando, com quem anda [ou corre] pela escola, é composto por meninas. Causa agitação e bagunça, segundo professoras e colegas. Fala alto, com alguns palavrões, muitos deles sem tradução para a norma culta da língua-mãe. Trata-se de um **dialeto**. *Pajubá*. A escola considera seu comportamento precoce para idade. Muitos de seus gestos são considerados inadequados e até mesmo agressivos.

Dia desses, uma colega-professora me perguntou das motivações do comportamento do aluno. Levantou a possibilidade de um abuso na infância. Interrogou-me se havia necessidade de tantos **trejeitos**. Outro dia, foi a vez de duas alunas. Queriam falar comigo sobre preconceito, por indicação de outras professoras.

“Então, sor, a gente não anda gostando de algumas coisas que acontecem aqui na escola [...] A gente queria mudar isso, sei lá, conscientizar as pessoas. A gente meio que quer mudar o mundo, mas não sabe como! Sabe o fulano de tal? A gente se incomoda como os outros tratam ele, chamando de viado, e outras coisas. E sabe a sicrana de tal? Ela não tem preconceito, né sor, mas ela não quer mais chamar ele assim sempre que brigam. Só que ela nos falou que simplesmente não sabe como lidar.”

Mais recentemente, a pessoa desse aluno/aluna tem proposto chamá-la a partir de um [codi]nome que inventou para si. Não sei como estaremos a/o chamando ao final desta escrita. Não há como saber e talvez não haja sequer por que saber, datar ou pré-determinar de antemão.

No mesmo mês, naquela turma, após um detalhe colorido no meu material escolar que remetia à bandeira do orgulho, uma aluna me questionou sobre a sigla LGBTQ. Ela estava em dúvida. Disse-me que tinha uma irmã que se vestia “como homem”. Onde ela se encaixa? Ela se encaixa na letra “Q”, sor? Sou interrogado. Na hora, congelei. Não sabia o que responder. Pensei comigo: Há uma *definição* a ser dada? Há uma resposta certa, didática e ao mesmo, “fiel” à “infidelidade” que o termo suscita?

“O *queer* é esse **inominável**.

Se eu tentar falar pra você, vou fixar.

O *queer* é a dúvida, a **incerteza**,

é uma atitude em relação ao próprio corpo, não identidade.”

[LINN DA QUEBRADA, 2017]

A partir disso, tenho pensado que identidade e multiplicidade não precisam ser tomadas por oposição, polarização ou substituição, Tenho pensado no “Eu sou...”, dito por uma multidão que experimenta seu corpo de modos muito diferentes e tenho pensado também na potência do “Eu não sei o que sou” vindo de uma professora, e que causou muitos risos na roda de apresentação do cursinho popular.

A precariedade das identidades pode ser justamente uma potência, força de multiplicação e disseminação. E talvez seja o *medo do contágio*, como pensou Grada Kilomba [2019] recentemente, ao analisar as relações raciais e o racismo, que faz com que o aniquilamento das diferenças, ao invés da sua multiplicação, seja um caminho histórico perseguido.

Tenho pensado em uma *escola incomum*

que aposta nos poderes de:

auto determinação;

auto declaração;

auto nomia;

ao mesmo tempo em que desconfia profundamente do seu próprio nome.

“Ni la identidad nacional ni la identidad de género pueden ser origen o fin de un proceso político.

No pueden ser ni fundamento ni teleología.

No hay nada que verificar o que demostrar, todo está por experimentar.

La batalla comienza con la **desidenrificación**, con la desobediencia, y no con la identidad.

Rayando el mapa, borrando el nombre, para proponer otros mapas,

otros nombres que evidencien su condición de **ficción pactada**.

Ficciones que nos permita fabricar la libertad.”

[PRECIADO, 2019, p. 138]

3.
0

*pre
cá
rio*

5.
*trabalho
de
in/escrita*

de

si

“Estou na **borda** desta multidão, na **periferia**; mas pertenço a ela [...] estar inteiramente na multidão e ao mesmo tempo completamente **fora**, muito longe: [“nunca mais direi **sou isto, sou aquilo**”].

[DELEUZE; GUATTARI; 1992, p. 40]

Que é, afinal, ou o que pretende uma *escola incomum*? É a escola pública onde acompanhei Carlos, trans-viados e outros seres “especiais”? Trata-se do coletivo de educação popular composto por uma multitude de identidades sexopolíticas? Ou ainda, a Escola de Ensino Médio onde atuo como professor de sociologia? A escola incomum que tenho rascunhado passa por todos esses lugares. Passa, quiçá, por outros ainda sequer desenhados, afinal, estamos falando o tempo todo de realidade e ficção, fricção na realidade, imaginação de novas realidades. Devires que ainda enxamear-se-ão. São paisagens sobrepostas, mapas multitudinais. Trânsito [e transições] entre espaços. A partir de fragmentos, estilhaços, restos, estou a pensar neste território de multidões: a escola, habitada por personas e personagens, uma “multiplicidade singular que fala e age, mesmo que seja numa pessoa” [GUATTARI, 1981, p. 18].

Uma escola incomum com-fabulada a partir de uma *restografia* que junta o que fica do caminho docente. Talvez mais importante, *quem* fica de fora de um certo caminho.

escola é zona perigosa

vulnerável e **im**previsível

contágio exige cuidado

e cuidar tantas vezes

é olhar e ouvir e estar presente

ser **com**panhia, tão e somente

conheço uma escola que insiste

no ditado

no editado

esquece de *m e d i t a r*

Uma escola incomum está diretamente vinculada a uma educação marginal, no sentido em que toma Grada Kilomba [2019], ao retomar bell hooks, os termos *margem* e *centro*. Só se é marginal na medida em que se é parte ou fragmento de um “todo”, não um todo essencialmente totalizante, mas discursivamente inventado como “total” – uma condição que se mantém central por impedir a entrada de forças de “fora”, relegando-as a espaços periféricos. No entanto, Kilomba defende, novamente com hooks [p. 68]: não podemos tomar os espaços marginais/periféricos somente pelo viés negativo da falta, da perda, do sofrimento, pois a margem é um local de resistência e de “abertura radical” a invenção de outros mundos, realidades.

O que estou a pensar aqui se aproxima, por um lado, e se distancia, de outro, do viés trazido pela literatura ou poesia marginal, pois não se inscreve na ideia literal, tampouco metafórica do que seria estar à *margem*. Trata-se de imaginar o que pode existir de marginal dentro mesmo do escolar, básico, fundamental, superior, não buscando afastá-lo, mas relacioná-lo, imbricá-lo; contaminar o “centro”, o ruído. O que pode vir a existir a partir das fugas do e no “normal”, nesse espaço-sistema aparentemente neutro, calmo, perene. Isso não passa por negar o que as estatísticas mostram a respeito das exclusões raciais, sexuais, étnicas, de gênero, mas de tensionar pontos que colaboram, inclusive, com os pensamentos exotificantes a respeito dos tidos e feitos marginais/marginalizados. Esse não é um “exercício romântico”, portanto não se trata de romantizar as opressões, como chama a atenção Kilomba.

“Seja herói, seja marginal”, provocou Hélio Oiticica, convocando-nos a “marginalizar”. Com esse dito, quase um mantra pixado-gravado-entoado por aí, o artista brinca com a inversão de sentidos ao ligar a palavra “herói” a “marginal”, acionando, assim, um imaginário contra hegemônico.

dar *margem* como quem dá lugar ao erro

Ser marginal é ser minoritário, integrar uma facção insignificante [já que não atende a interesses “maiores” e “significantes”]. Nesse sentido, Guattari [1981], dentro do que chamou de “homossexualidade molecular”, usando o exemplo da literatura, propõe a possibilidade de “procurar o que há de homossexual em um grande escritor, mesmo que ele seja, além disso, heterossexual” [p. 36]. Tal como tem-se dito recentemente em relação a “corpos femininos”, ou “pessoas com vagina”, quando se quer tratar de um assunto médico, fugindo da identidade mulher, “corpos masculinos”, ou “trans-masculinos” ou ainda “masculinidades” como partes de um conjunto de corpos não necessariamente identitários do binômio macho/fêmea.

Aqui vejo um pouco do que seria uma *contaminação gay*³⁵, ou uma *proliferação queer*. Nada mais seria do que despersonalizar a figura homossexual e energizá-la como uma força tão potente, capaz de atravessar uma multidão de corpos. Multiplicar. Incidir sobre àquelas identidades já préPARADAS, fechadas, cimentadas. O Homem [macho]. O Branco [colonizador]. O Heterossexual [dominante]. O Presidente da República. O Presidente da Empresa. O Professor da Escola.

³⁵ Em circuitos conservadores, incluindo as áreas biomédicas, é presente a ideia de uma “epidemia de transexuais”, dada a proliferação crescente de cirurgias, procedimentos, e intervenções corporais em pessoas que realizam a transição de gênero. Em março de 2020, a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul organizou uma palestra chamada “Epidemia de Transgêneros - O que Está Ocorrendo com Nossas Crianças e Adolescentes?” ministrada pela médica psiquiatra Akemi Shiba. Antes mesmo de acontecer, o evento teve repercussão na mídia, em movimentos sociais e na Associação Brasileira de Psiquiatria, e trocou de nome para “Proliferação de transgêneros”, depois para “Aspectos médicos e desenvolvimentais da disforia de gênero na infância e adolescência”.

to viado macaco traveco puto viado macaco traveco puto viado mac

to viado macaco traveco puto viado macaco traveco puto viado mac

to viado macaco traveco puto viado macaco traveco puto viado mac

palavras de [s] ordem

to viado macaco traveco puto viado macaco traveco puto viado mac

to viado macaco traveco puto viado macaco traveco puto viado mac

to viado macaco traveco puto viado macaco traveco puto viado mac

en VIADE s c e r

to viado macaco traveco puto viado macaco traveco puto viado mac

to viado macaco traveco puto viado macaco traveco puto viado mac

TRANS g r e d i r

to viado macaco traveco puto viado macaco traveco puto viado mac

to viado macaco traveco puto viado macaco traveco puto viado mac

é NEGRE s c e r

to viado macaco traveco puto viado macaco traveco puto viado mac

to viado macaco traveco puto viado macaco traveco puto viado mac

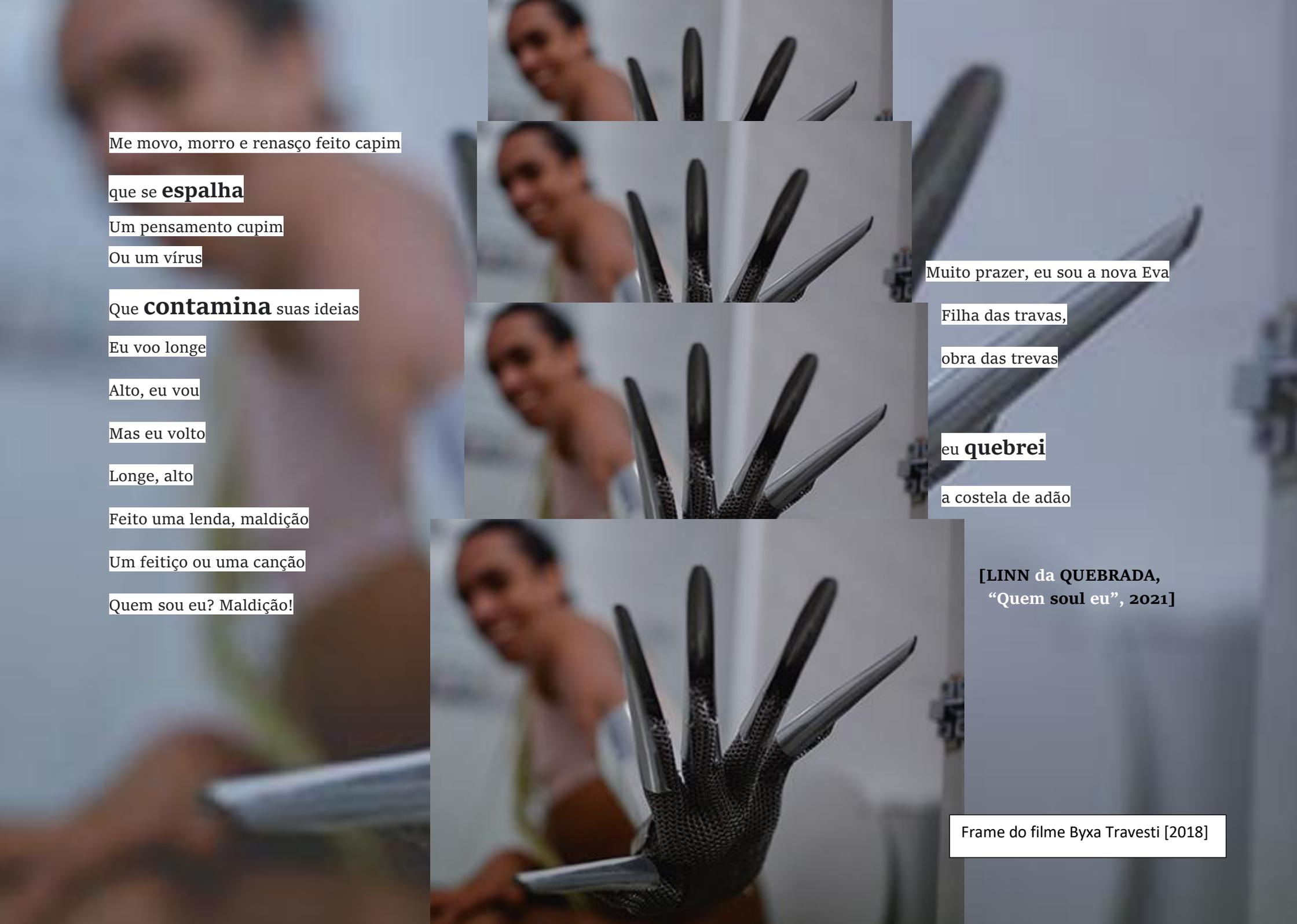
Mesmo Guattari [1981] dizendo que o “homossexualismo³⁶ contesta o poder heterossexual em seu próprio terreno” e que “agora quem vai ter que prestar contas é o heterossexualismo”, a ideia de uma “homossexualidade molecular” será provocada por Preciado [2014]: “por que eles não saíram do armário enquanto heterossexuais?” [p. 193]. Isso evidencia a problemática dos corpos não-marcados pelos signos dominantes [KILOMBA, 2019]. Identidades molares, se assim podemos dizer, se colocam como naturais de diferentes modos, um deles é fazendo a demarcação de gênero/sexualidade apenas ao Outro, e jamais em si mesmo. “Dar nome a nós é de uma certa forma dar nome ao que é exceção, porque ninguém dá nome à música heteronormativa ou ao elenco branco de atores [...] o padrão nunca é denominado, ele continua sendo o Universal, o Todo-Poderoso”, questiona Linn da Quebrada [2018].³⁷

Em “Manifesto Contrassexual”, Preciado [2014] propõe explorar o corpo além-órgãos, além dos polos sexuais historicamente modulados. Desterritorializar o que se entende por “corpo feminino”, “corpo masculino” por meio de tecnologias de resistência e práticas contradisciplinares que [in]formam uma multiplicidade do “sexo” e do “gênero”, um sem-número de práticas e maneiras à medida que se ousa experimentá-lo. Nessa obra, o autor propõe assinarmos um “novo contrato contrassexual” [p. 44] em que se tem como premissa a renúncia à identidades naturalizadas como homem e mulher, oferecendo possibilidades de *experimentações corpolíticas*. O percurso estético-político da artista Linn da Quebrada tem produzido essas experimentações em músicas, performances, filmes, e outras produções. Destaco o longa “Bixa Travesty” [2018], que conta um pouco de sua trajetória [imagens abaixo]; o filme “Meu corpo é político” [2017], com a história de quatro pessoas à margem do “cis-tema”³⁸; e “BlasFêmea” [2017], clipe musical feito a partir da música autoral “Mulher”.

³⁶ Ainda não se usava de forma geral o termo “homossexualidade”. O termo com “ismo” é, à época, ainda corrente pois predominava um viés patológico. Embora anacrônico, preferi mantê-lo como no texto original.

³⁷ Entrevista concedida ao Jornal Nexo. [A música e os corpos políticos, com Linn da Quebrada - YouTube](#)

³⁸ Sistema dominado por pessoas cisgêneras, a partir de uma lógica cisnormativa, isso significa que pessoas trans, trans não-binárias, entre outras, são, nesta lógica, marginalizadas.



Me movo, morro e renasço feito capim

que se **espalha**

Um pensamento cupim

Ou um vírus

Que **contamina** suas ideias

Eu voo longe

Alto, eu vou

Mas eu volto

Longe, alto

Feito uma lenda, maldição

Um feitiço ou uma canção

Quem sou eu? Maldição!

Muito prazer, eu sou a nova Eva

Filha das travas,

obra das trevas

eu **quebrei**

a costela de adão

[LINN da QUEBRADA,
“Quem soul eu”, 2021]

Frame do filme Byxa Travesti [2018]

O desvio foi historicamente marginalizado, retirado de um espaço mínimo de existência legítima e válida e relegado às margens. As próprias práticas sexuais “desviantes” foram assim renomeadas a fim de ordenar o jogo social a favor de grupos, assinala-se, quantitativamente pequenos, mas politicamente centrais, ganhando força de [senso] comum à medida que se espalhou pelo corpo social. Assim, é praticamente impossível localizar onde e quem detém esse poder. [FOUCAULT, 1997]. Mas “nossa era torna-se a era das minorias” [DELEUZE, 1997, p. 152]. Pensar linhas de fuga capazes de riscar a MARGEM, a IMAGEM e os IMAGINÁRIOS.

Os jogos binários nos prendem em tantos níveis e camadas! Centro, periferia; Primeiro mundo, terceiro mundo; norte e sul global, potências desenvolvidas, potências emergentes. São amarras que uma vez desfeitas – e elas tantas vezes o são – poderiam ofertar possibilidades de construção de outros mundos. Mas o “podres poderes”, cantarolando Caetano Veloso, reagem estupidamente contra aqueles que “velam pela alegria do mundo/indo mais fundo/tins e bens e tais”. Manter os binários é projeto político para não mexer as peças do seu lugar. No entanto, não se trata de, em seu lugar, operar por inversão, trocar lados, investir no polo oposto. A potência da margem está em desestabilizar, em um primeiro impacto, e destroçar, em seguida, o *establishment*. “A bicha, não mais do que o esquizo, não é um revolucionário em si” [GUATTARI, 1981, p. 39], mas pode vir a romper estruturas dominantes, ser ponto disruptivo. Isso, contudo, se a vida for tomada como vontade criadora, potência que deseja expandir, crescer, gerar mais vida, e por isso liberá-la ao invés de conservá-la [ROLNIK, 2018].

Penso que a figura do/a professor/a possa servir para manter viva a chama da vida, uma vida que se pergunta, vai em busca, enformiga-se, enxameia-se. Ser professor/a, me parece, é incorporar, personificar, monstrificar um devir-louco próprio dos desvios. Como não se converter [e este verbo não poderia ser mais paradigmático] em uma figura como a do Juiz, do Policial, do Pai ou da Mãe? “Nunca suscite um General em você”, diz Deleuze [1995, p. 39]. Estaríamos nós, docentes, muito mais próximo do ladrão do que do policial? Aquele que rouba antigas crenças, assalta os porões da prisão, furta a tranquilidade aparente [só aparente] do transeunte. Mas fazer isso é perigoso.

Na docência que [me] invento, por essa docência mesma que faz inventos: como se dão os encontros, os contágios? Desde antes do agora [finalizado] até depois do depois [em devir], uma vez que eles ressoam... pergunto: como afirmar a potência de vida e não a morte/alidade dos contágios? Como criar [e contar] um **contágio** pelo viés do cuidado no percurso de formação?

Essas questões me vieram a partir das pesquisas cartográficas em saúde de Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros [2009] que versam da experiência de pessoas que vivem com HIV em Moçambique e no Brasil. Com a pandemia causada pelo novo coronavírus, a partir de 2019, elas me parecem ainda mais importantes, uma vez que contágio se transformou em medo pela morte, quando não a sua consumação de fato. Os autores propõem uma “política de narratividade” [p. 150] pelo viés clínico-político de Guattari que nos serve muito bem nas pesquisas e atuações em educação, ou na “pesquisa-intervenção”, como é dito. Enquanto o procedimento narrativo da “redundância” opera por um determinismo, linearidade causal e unificação identitária, um procedimento de “desmontagem” opera na lógica transversal [nem só vertical nem só horizontal] do acolhimento do estranho e do estrangeiro, escuta sensível aos pontos de fratura e deixar vacilar o prescrito. Quer dizer, habitar um território em comum [contexto geral] e *como um* [singular e contingencialmente a sua maneira].

com **UNA** [molar]

com **UMA** [molecular]

com **UM** [singular]

COMUM [multidão]

não ao porte de armas
sim ao armar-se de **portais**

alguma coisa que abre e leva a outro lugar

não ao porte de armas!

sim ao armar-se de **portos**

alguma coisa onde se embarca navega e retorna e se assenta

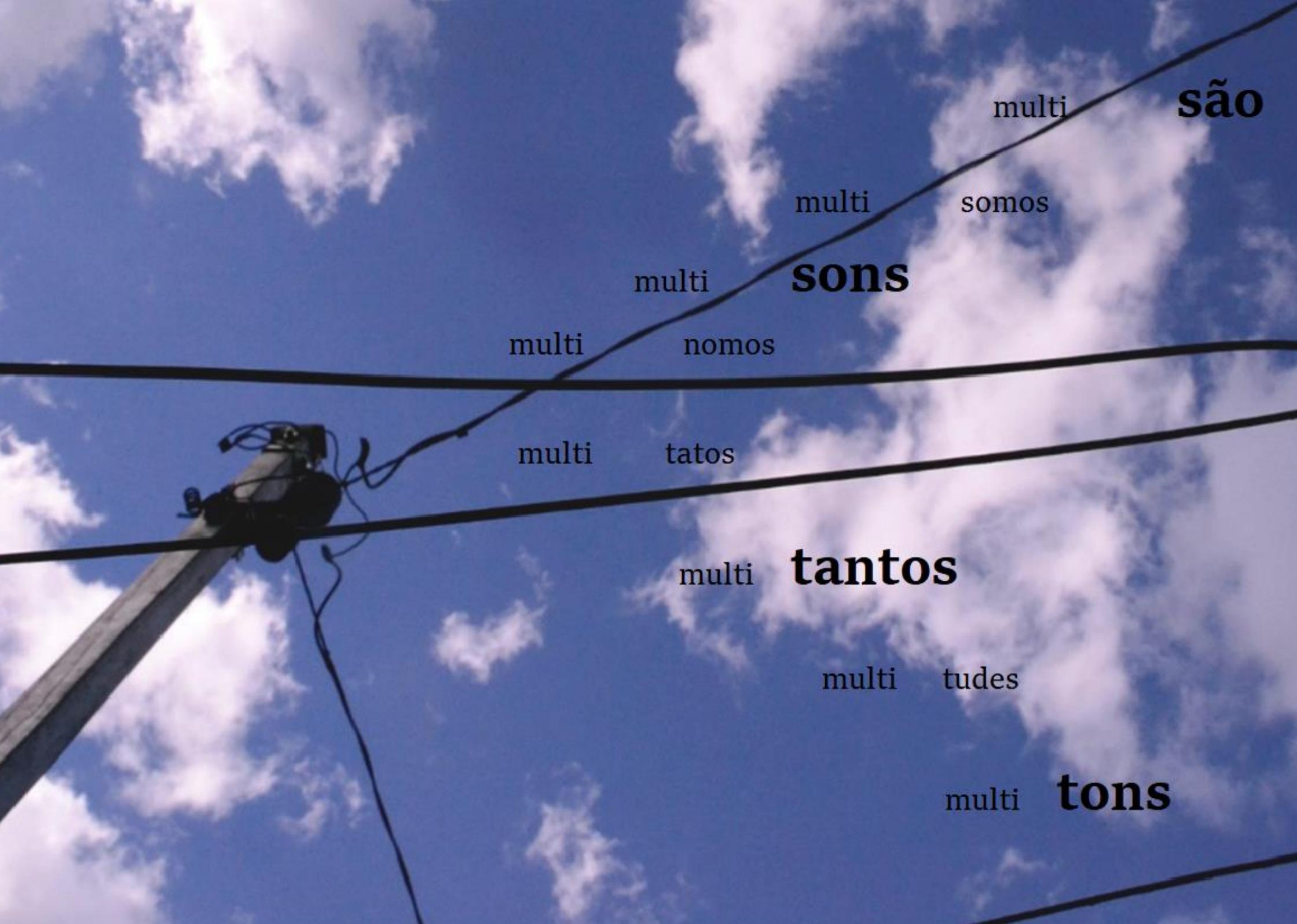
não ao porte de armas

as armas que atiram – letais – fazendo morrer

sim ao porte de armas

as armas que atingem – incessantes – fazendo **viver**

política[s] de **multi**plicidade



multi

são

multi

somos

multi

sons

multi

nomos

multi

tatos

multi

tantos

multi

tudes

multi

tons

A escola é zona pulsante de vidas. E quando digo “é”, me refiro a um “é” *em potência*. Aquilo que pode vir a ser. Que pode, um dia, ganhar corpo. Ou desfazê-lo.

É importante falarmos das diferenças que habitam o espaço escolar, sobretudo as sexuais, pois corpos indesejáveis como os de pessoas trans, gays, lésbicas, e dissidentes de gênero, têm sido varridos historicamente como sujeira indesejável, inclusive dos ambientes escolares. Muitos números apontam para a evasão³⁹ de LGBTs deste território. Quem são esses alunos expulsos? Assim como Preciado se pergunta “Quién defiende al niño queer?” [2019, p. 62], podemos nos perguntar, traduzindo livremente, “quem se importa com as crianças viadas?”

Que escola é essa que produz sentença ao invés de pertença? Que produz lições de moral ao invés de lições de morada? E como produzir uma escola onde as crianças e adolescentes possam criar *mínimos múltiplos comuns* a partir nos seus *multi tons, multi nomos e multi sons*?

³⁹ No Coletivo pela Educação Popular, costumamos pontuar que estudantes LGBTs não evadem, são “evadidos” da escola.

No Brasil, as noções sobre grupos dissidentes de uma matriz cis-heteronormativa parecem ter flutuado. Durante o período ditatorial, principalmente anos 1970 e 1980, deu-se a invenção e afirmação política de uma identidade homossexual — sublinha-se, predominantemente masculina — embora se saiba dos movimentos na construção de uma identidade lésbica e também de travestis e transexuais. É de tal tempo, por exemplo, a criação do Grupo Gay da Bahia (GGB), um dos maiores e mais importantes até hoje. Nos anos 1990 ficou popularizada a chamada sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), ainda com forte ênfase na ideia do gueto marcada pelos espaços noturnamente marginais. Nessa época, os movimentos sociais já começavam a se organizar politicamente a partir de suas próprias categorias, tais como lésbica, gay, transexual e, em menor intensidade, bissexual. Por isso, já nos anos 2000, é possível encontrar, com força, o termo GLB (Gays, Lésbicas e Bissexuais) para, posteriormente, a consolidação do termo LGBT, amplamente usado até os dias de hoje. Aqui, observa-se a inclusão da sigla T e também a luta de mulheres pela desestabilização de uma hegemonia interna sustentada em uma identidade masculina, com a letra L precedendo as demais.

na escola há **BANDOS** a correr

loucos a chegar e a sair

ninhos cheios a desovar

lugar habitado extra-habitado

lugar perfeito para **contrair**

doenças virulentas

violentas

bacterianas

mas como na canção de bjork

eu ouço **grITOS** de

let me belong

Michel Foucault, ao analisar as relações de poder espalhadas em todos os níveis sociais, e como elas produzem formas de assujeitamento, dedicará atenção especial a algumas das principais instituições de poder. Dentre elas, está a escola – um dos braços do Estado junto da família, da polícia, da medicina, e outros aparelhos reguladores e produtores de condutas. Foucault via o espaço escolar como “uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar.” [FOUCAULT, 1997, p. 151].

Junto dos pais, dos psiquiatras, psicólogos, está o professor: figura reguladora e controladora da conduta de crianças e adolescentes. A educação é a arte de conduzir condutas e a escola, território onde isso acontece. Para alunes marcados por alguma inconformidade de gênero ou sexual, o espaço escolar pode ser mais uma espécie de “armário”, ou a intensificação de um dispositivo de poder que já regula seus corpos em outros ambientes. As relações escolares são comumente constituídas a partir desse esconder de certas condutas, justamente, o “armário”.

Por outro lado, com o contexto de pandemia de covid-19 e o seguimento das atividades escolares em formato de domiciliar, tenho acompanhado situações de alunes LGBTQIA+ que tomam a escola como local seguro e acolhedor em contraponto às relações familiares conturbadas no que tange ao gênero e sexualidade. Parece haver, nesses casos, uma inversão da ideia de “lar”. Enquanto a escola tem se proposto a um acolhimento destas existências mais “frágeis”/fragilizadas, pais e mães os tratam como tendo “desvios de conduta” em relação ao comportamento não cisgênero ou não-heteronormativo.

Por isso não é incomum que pessoas *queer* ainda novas, enquanto crianças ou adolescentes, sejam expulsas de suas famílias consanguíneas, perdendo vínculos afetivos importantes.⁴⁰ São vistas não como parte de um “familiar”, mas de um “Fora” ameaçador. Quando não são expulsas, são mantidas, mas de qual forma? Sob um teto com regras rígidas de sujeição às normativas de gênero e

⁴⁰ Por esse motivo, podemos formar nossas próprias famílias, diz RuPaul, *drag queen* que comanda o programa “Rupaul’s Drag Race”. Ela vê essa como uma possibilidade de construir afetos importantes, sem a vinculação direta com uma “origem” em que nos vemos obrigados a manter.

sexualidade, impedindo a manifestação, ou a instauração, para pensarmos com Soureau, de sua existência. Uma *escola incomum* – podemos aqui ampliar a outros espaços – acolhe esses incomuns. No entanto, não desejando um ajuste a uma comunidade geral, maior, central – pensamento que trata por comum = igual a todos/homogêneo. Do contrário, manter a inconformidade como [mais] uma forma, um modo de existir, é importante.

No que diz respeito às questões LGBTQIA+, existem demarcações bem territorializadas dentro das chamadas políticas da identidade. É importante tensioná-las, subvertendo as lógicas mais universalizantes, unificadoras, e por isso, reducionistas, a fim de pensar em outras políticas afirmativas da diferença, o que estou imaginando como *políticas de multiplicidade*.

Atualmente, temos visto ampliações na sigla, com propostas político-identitárias como LGBT, LGBTQ+ e LGBTQIA+⁴¹, quer dizer, além dos marcadores descritos anteriormente, inclui-se aqui corpos queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, bem como uma série de outras identidades não listadas, representadas pelo símbolo de “+”.⁴²

Contudo, tais acrônimos são alvo de críticas constantes por excluírem ou hierarquizarem, de um modo ou de outro, identidades [ainda] não contempladas. Desse modo, aponto para os limites da sigla em dar conta de compreender todas as possibilidades de existência, a partir de uma ideia de diversidade que, embora importante na construção de políticas públicas, ampliação de direitos, etc, ainda me parece bastante dura e fixada em binarismos como nós versus eles, centro-periferia, norma-dissidência. Imagino aqui uma

⁴¹ Essa sigla tem sido a mais utilizada. No ano de 2021, ganhou visibilidade por conta das comemorações do “Mês do Orgulho”, celebrado no mês de Junho por conta da Revolta de Stonewall, que ocorreu em 28 de Junho de 1969, em Nova York [EUA]. É até agora a sigla que mais abarca letras, embora outras circulem com menos frequência, como LGBTQIAP+, em que é acrescido o “P”, de pansexualidade.

⁴² Aqui penso nos percursos estético-políticos de Linn da Quebrada quanto a sua identidade “bixa travesty”, como ela mesma nomeou. A artista também oferece uma [in]definição de si: “nem ator nem atriz, atroz”.

política como experimentação e não representação; colocar-se à prova não é somente ser “contra”, mas propor, desmanchar, acontecer junto [acontecimento coletivo; encontro]. Uma política de multiplicidade em que o “universal” é o devir [LAZZARATO, 2004].

uma **P O L Í T I C A** que . . .

“não repousa sobre uma identidade natural [homem/mulher]
nem sobre uma definição pelas práticas [heterossexual/homossexual],

mas sobre uma **multiplicidade** de corpos

que se levantam contra os regimes que os constroem como “normais” ou “anormais”:

são os **drag kings**, as *gouines garous*, as **mulheres de barba**,
os **transbichas sem paus**, os **deficientes-ciborgues**...

O que está em jogo é como **resistir** ou como **desviar**
das formas de subjetivação sexopolíticas. [PRECIADO, p. 16]

Somos um corpo que abriga muitos corpos. Somos, portanto, uma multidão. Multipli-SI-dade que diz de mim, e não somente do Outro, que diz de um *entre*, de um *com*. Enquanto professores e pesquisadores, creio que rachar a ideia de um *conhecimento* puramente *aplicado* se faz necessário, para podermos pensar, assim, em *saberes implicados*. E também práticas, práticas de si. As clássicas ideias de “povo” e “massa” são engessadas em um sujeito tantas vezes sem poder de agenciamento, submisso a um UNO pretensamente coerente e total. Retomando Hardt e Negri, em suas análises daquilo que chamaram de Império, Paul Preciado [2011] falará de um “Império

Sexual” que parece não estar mais dando conta dos desafios de um mundo que quer se contaminar por outros mundos. A multidão, por outro lado, é uma fuga dos pólos, permite o trânsito, o movimento, a fluidez. Permite o agir in-comum. A multidão é uma “multiplicidade irreduzível” [HARDT; NEGRI, 2005], se ela coubesse em uma definição. Contudo, mais potente que tentar definir *o que é* a multidão, é justamente se perguntar *o que pode uma multidão?*

O filósofo Byung-Chul Han [2019] em seu livro “No enxame: perspectivas do digital” mostrou um diagnóstico um tanto quanto pessimista. Segundo ele, enquanto a massa tem “alma”, o enxame tem apenas barulho de individualidades, criando assim, “a morte da solidariedade” [p. 23] e a morte de uma política que representa populações; tudo passa a ser “menor” [smartphones, smart mobs], no entanto, isso aumenta o narcisismo e diminui o contato entre as pessoas; os jovens não sabem mais lidar com uma outridade, diminuindo a alteridade; há o desaparecimento do Outro [as “bolhas”, o *like*, a *timeline*]; as alianças são mais precárias, se dissolvem com facilidade e rapidez. Entretanto, sua análise fica somente nos efeitos negativos de uma dita “pós-modernidade”, quando tivemos por décadas, senão por séculos, a higienização, expulsão, genocídio de culturas marginais como a *queer*, *negra*, *feminina*. O universal e identitário nunca existiu para uma série de grupos, que sempre estiveram em condição precárias, e, no entanto, resistentes.

A política que invoco como sendo “menor” é a política que vê potência mesmo na precariedade, tal como sugere Grada Kilomba [2019], ao colocar a margem como espaço de resistência e possibilidade nas lutas anti-coloniais. Grada, seguindo outras tantas feministas negras, também pensa através de uma interseccionalidade, afinal, não há opressões menos ou mais importantes a serem combatidas. Há, sim, o encontro entre elas, e nesse cruzamento, há uma intensificação das desigualdades.

Nas hierarquias da grande escola, a que baliza a relação professor-aluno perde o seu porquê, já que um não existe sem o outro, e o trabalho [ou ação de um] dependente diretamente da do outro. Em *Memórias da Plantação* [2019], Kilomba invoca a figura de Narciso como alguém branco que não consegue enxergar o mundo fora de um regime de branquitude. Nas “políticas maiores”, ou seja, nos

grandes regimes que constituíram e ainda dominam em grande parte, o Outro é posto em negativo, negativado. O poder das multidões não é, de fato, da grande política, dos poderes instituídos e dominantes. Não é tanto sobre poder, é mais sobre potência.

O próprio Byung-Chul Han [2019], ao falar de multidão, coloca que “ela se opõe, no interior do Império, ao [próprio] Império” [p. 22]. A multidão age conjuntamente de “dentro” para mudar as próprias estruturas. É verdade que há precariedade e, inclusive, fraturas expostas de nível grave [o poder mais clássico esconde suas fragilidades]. Não quero cair em uma leitura romântica das políticas de multiplicidade, seria fazer o oposto de uma leitura completamente dramática e pessimista. Negri disse, em uma entrevista⁴³, que “as sociedades são sempre um pouco monstruosas”. Portanto, a multidão é perigosa, pois possui forças capazes de invocar destruição ou modificação radical de um cenário.

As multidões não são nem boas, nem más, mas vêm a ser um ruído, zumbido, tremor aos regimes mais identitários e de massa. Como professor, cabe pensar [novamente] nas multidões da escola: o cuidado, a atenção e o manejo/tato com. É preciso pensar as melhores [mais alegres e mais intensas] formas de enxamear a escola, a educação, a vida.

Uma escola marginal/menor é um território de altas potências na construção de comuns. “Comunidade escolar” é um termo comumente utilizado na convocação das famílias, professores e alunos. Entre as dissidências sexuais e de gênero, também é comum falar-se em “comunidade queer/gay/LGBTQIA+”. Muitas vezes essas ideias são utilizadas para reivindicar univocidade, coerência, e achatamento dos dissensos. A “comunidade” nesse sentido, também é [potencialmente] fascista.

⁴³Antônio Negri: "É a multidão que comanda a história" - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

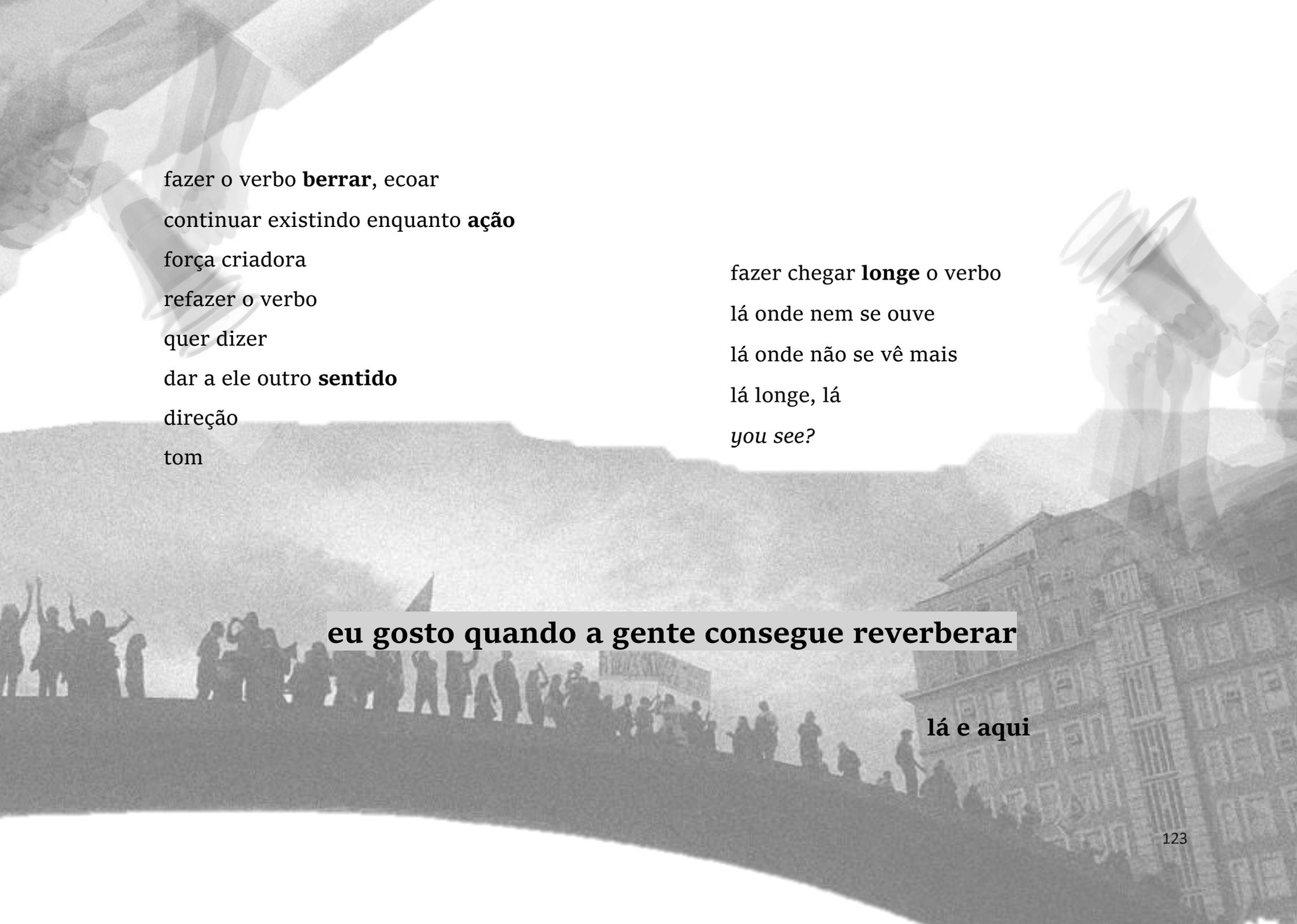


REVERBERAR REVERBERAR

REVERBERAR REVERBERAR

REVERBERAR REVERBERAR REVERBERAR

REVERBERAR REVERBERAR REVERBERAR



fazer o verbo **berrar**, ecoar
continuar existindo enquanto **ação**
força criadora
refazer o verbo
quer dizer
dar a ele outro **sentido**
direção
tom

fazer chegar **longe** o verbo
lá onde nem se ouve
lá onde não se vê mais
lá longe, lá
you see?

eu gosto quando a gente consegue reverberar

lá e aqui

por **tantos**

vou?
onde?
perguntem
ao **bonde**

[LEMINSKI, 2013, p. 368]

Uma escola incomum não é um modelo, é um modo de fazer escola. Não é uma fórmula, é uma forma. Não é um módulo, é justamente um modo, jeito inventivo de se fazer. Uma escola incomum não é arborescente, é rizomática. Não possui raízes profundas, antes, talvez, flutuantes, moventes, como um aguapé. Não é uma só, são várias. Não é Una, Total. Nem múltipla, particular ou específica. É entre, infiltra-se no espaço que lhe sobra. Não é homogênea, não pretende ser para todos, em igualdade, mas é aberta a alianças com todos, em multiplicidade. É uma escola sem fundamentos, contudo, não sem princípios, regras, rítmica, gramática, e uma poética que lhe é singular. Uma escola incomum não É – do verbo Ser, profundo e enraizado. Antes, está mais para **passagem**, “pois mover, passar, aderir, deslizar de um modo para outro, isso constitui a própria **experiência**” [JACQUES, 2019, p. 349]. Não é um Escola-Major, é uma escola-menor, sendo antes, devir-mulher, minoritária, mínima. Não é major-etária, seu tempo não se classifica em pirâmide. Sendo assim, não é uma escola superior, não há outra abaixo dela. Não busca centralidade, é descentrada, beira à loucura das margens e por estratégia política, não é oposição radical, circulando entre meio[s]. Se vai ao centro, retorna ao fim do dia. Caminha.

É uma escola que tenho experimentado em termos pedagógicos, didáticos, políticos, e essa dissertação é um vestígio – fragmento de experiências que me/nos atravessam passageiramente. Essa escrita, ao se instaurar, já passou de um modo a outro, e passa, ainda, de

um modo a outro quando compartilhada com outros, outras, outrem. Ex-crita – outra coisa que ganha vida, indevida, em devir. E que diz: disserta **A Ç Ã O**. E que faz outra coisa, senão, confabular? Pois o que ainda não foi inventado, certamente, inventarão. É o que há, mesmo quando sem, ela mesma inventar-se-á. Incomum, excêntrica, anômala, desviante, esquisita, atípica, bizarra, singular: uma escola que cresce, se recolhe, se espalha, corta, invade, acolhe, se alia às multiplicidades, fazendo disto, sua política.

Uma política de multiplicidade não objetiva convencer, busca conversar. Não pretende a conquista, mas antes, a própria derrubada do Império [sexual educacional cultural]. Uma política de multiplicidade não quer saber de duelos, quer produzir duetos. Não quer construir consensos, quer produzir contatos. Disruptiva, do dissenso, das diferenças, de-vir-a-ser. Anseia encontros, prepara-se para eles, sem, no entanto, estar preparada, estagnada, estratificada.

Dessa escola – que tem na multiplicidade, sua política, sua ética e sua estética – não tem um caso a ser estudado. Menos ainda de sucesso. Ela acontece nos acasos, no inesperado e no imprevisível; no pulo do gato, no lampejo de um dia *dark*, na palavra dita errada: como é que se diz, mesmo? Fora dos registros oficiais, encontrou aí sua potência. Dali, pequena, quase imperceptível, cresceu e fez corpo. Corpo-texto. Contexto. Composição.

Aprender com as abelhas, as ervas, os piratas, as feras, até com os dinossauros, seres extintos e no entato, vivos na imaginação! Aprender com os veados, as *beeshas*, as sapas, as crianças e as forças esquizo-fora-contraintermeio-rizomáticas; Aprender com as existências mínimas [LAPOUJADE, 2017], infames [FOUCAULT, 2006], rizomáticas [DELEUZE; GUATTARI, 1995], monstruosas [PRECIADO, 2011] um sentido como direção de vida: *ética-estética-política de multiplicidade*.

Instaurar

vias de ser

em via de ser

enviadescer

em via de seres [plural]

cada uma ao seu modo [singular]

de forma inacabada

ainda que final

s formas pelas quais, a
das habilidades
sexuadas
profunda.
xis corporais
ntidades bio
soci
abai

companhias

- BARROS, Manoel de. O apanhador de desperdícios. In. PINTO, Manuel da Costa. Antologia comentada da poesia brasileira do século 21. São Paulo: Publifolha, p. 73-74, 2006
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. Tradução Renato Aguiar – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2003
- CORAZZA, Sandra Mara. Didática da tradução, transcrição do currículo (uma escrita da diferença). Pro-Posições, Campinas, v. 26, n. 1, p. 76, 2015.
- CORAZZA, Sandra Mara. O docente da diferença. Periferia, v. 1, n. 1, p. 91-110, 2009.
- DELEUZE, Gilles. Conversações. Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. Bergsonismo. Editora 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992
- DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. –Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995; 94 p. (Coleção TRANS)
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 4; Tradução de Suely Rolnik. – São Paulo: Ed. 54, 1997; 176 p. (Coleção TRANS)
- DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1995, Vol. 2

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Editora Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p.

DELEUZE, Gilles. Proust e os Signos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. São Paulo: Editora, v. 34, 1997.

DELUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FERRARI, Anderson. "Esses alunos desumanos": a construção das identidades homossexuais na escola. Educação & Realidade, v. 28, n. 1, 2003.

FERRARI, Anderson; MAZZEI, Luiz Davi. Quais são os “espaços seguros” para as homossexualidades? Revista Debates Insubmissos, Caruaru, PE. Brasil, Ano 3, v.3, nº 11, set./dez. 2020.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. Paz&Terra/São Paulo. 2014

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: o cuidado de si. Edições Graal – Rio de Janeiro, 1985.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. Estratégias, Saber-Poder. Ditos e escritos IV. 2.ed – Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2006.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. Educação & Realidade, v. 27, n. 2, 2002.

GALLO, Sílvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2008. p. 1-16.

GUATTARI, Félix. Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. editora Brasiliense, 1981.

GUATTARI, Felix. As Três Ecologias, Ed. Campinas & Papyrus: São Paulo, 1990.

HAN, Byung-Chul. No enxame: perspectivas do digital. Editora Vozes Limitada, 2018.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Multidão guerra e democracia na era do império. Editora Record, 2005.

JACQUES, Renato. O trabalho de instauração sob a esfinge da obra a-ser-feita na floresta dos virtuais: uma introdução à filosofia de Étienne Souriau. GIS-Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia, v. 4, n. 1, p. 337-353, 2019.

KASTRUP, Virgínia. A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. 1997. 286 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. Fractal: Revista de Psicologia, v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2019.

LAPOUJADE, David. As existências mínimas. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

LAZZARATO, Maurizio. Política da multiplicidade. Nietzsche e Deleuze: bárbaros, civilizados. São Paulo: Annablume, p. 147-157, 2004.

LEMINSKI, Paulo. Toda poesia. Editora Companhia das Letras, 2013.

MARQUES, Davina. Entre fabulações de uma formação docente. Revista Digital do LAV, v. 8, n. 2, p. 160-174, 2015.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

MOSSI, Cristian Poletti (2016). Escritas, leituras, visualidades: Povoamentos para pensar a aula (ou a docência) como zona de pesquisa. Revista Digital do LAV, 9(2), 61-74.

MOSSI, Cristian Poletti. Um Corpo-sem-Órgãos, Sobrejustaposições: quem a pesquisa [em educação] pensa que é?. Fundação de Apoio a Tecnologia e Ciencia-Editora UFSM, 2018.

MOSSI, Cristian Poletti. .um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?. 2014. 124 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014.

- NEGRI, Antonio. Para uma definição ontológica da multidão. *Lugar comum*, v. 19, n. 20, p. 15-26, 2004.
- NEGRI, Antonio. Deleuze y la política: entrevista a Tony Negri. In: ENCUENTROS - Revista de la Catedra de Filosofia Contemporanea, n. 4, p. 09-17, jun. 1996.
- OLIVEIRA, Marilda de; CARDONETTI, Vivien Kelling; SANTOS, Cláudia Aparecida dos e GARLET, Francieli Regina. Revezamentos entre teoria e prática: Movimentos que acionam outros modos de pensar o ensino da arte. *Rev. Port. de Educação* [online]. 2018, vol.31, n.1, pp.94-107.
- PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política da narratividade. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PRECIADO, Paul Beatriz. *Un apartamento en Urano. Crónicas del cruce*. México: Anagrama. 2019
- PRECIADO, Paul Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.
- PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014
- RIBETTO, Anelice; PEREIRA, José Valter. Experimentações na escrita acadêmica entre filosofia e educação. *ACTAS*, v. 3, 2016
- RIBETTO, Anelice. Experiência, experimentações e restos na escrita acadêmica. In: CALLAI, C.; RIBETTO, A. (Orgs.). *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016, p. 58-67.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 22-97
- SOURIAU, Étienne. *Diferentes Modos de Existência*. São Paulo: N-1 edições, 2020.
- TADEU, Tomaz. *A filosofia de Deleuze e o currículo*. Faculdade de Artes Visuais, 2004.

TADEU, Tomaz. Identidade e diferença: impertinências. Educação & Sociedade, v. 23, n. 79, p. 65-66, 2002.

TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição: Spinoza+ Currículo+ Deleuze. Educação & Realidade, v. 27, n. 2, 2002.

TRÓI, Marcelo de. Linn da Quebrada: Ficou insustentável fingir que nós não existimos. Revista Cult (Entrevista), 8 ago. 2017.

Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-linn-da-quebrada>. Acesso em: 25 abril. 2021

pelas quais,

habilida

sexuades

funda

corporal

idades bio

soci

abar

di

u

o